

relatório

AGROTÓXICOS

no Planalto Santareno

Guillermo Antônio Cardona Grisales SJ



5 anos



relatório

AGROTÓXICOS

no Planalto Santareno

Pe. Guillermo Antônio Cardona Grisales, S.J.

Casa Leiria
São Leopoldo, RS
2021

FICHA CATALOGRÁFICA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Relatório agrotóxicos no planalto santareno
[livro eletrônico] / coordenação Guillermo
Antônio Cardona Grisales. -- São Leopoldo, RS :
Casa Leiria, 2021.
PDF.

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-89503-49-1

1. Agrotóxicos 2. Amazônia - Aspectos ambientais
3. Biodiversidade - Amazônia 4. Meio ambiente
5. Relatórios técnicos - Manuais I. Grisales,
Guillermo Antônio Cardona.

21-95261

CDD-632.95042

Índices para catálogo sistemático:

1. Agrotóxicos : Avaliação de risco : Agricultura
632.95042

SUMÁRIO

Introdução

PLANALTO SANTARENO

Desenvolvimento de um modelo hegemônico de monocultura de soja

1. Políticas públicas e incentivo ao agronegócio
2. Impactos na posse e uso da terra
3. Expulsão da terra e ameaças
4. Impactos no modelo de agricultura tradicional
5. Impactos nas mudanças na paisagem, perda das “florestas de alimento” e do “bem viver” amazônico
6. Comprometimento da segurança alimentar
7. Impactos na produção da agricultura familiar
8. Extinção de comunidades
9. Impactos na elevação da temperatura, na mudança do clima
10. Impacto sobre o meio ambiente e desmatamento
11. Impacto sobre os polinizadores
12. Consequências para a saúde
13. Exposição do trabalhador rural aos agrotóxicos
14. Migração para as periferias dos centros urbanos e marginalização

Bibliografia

A história humana e natural nunca é linear; conhece rupturas e dá saltos para cima. Ela nos está convidando a nos reinventar. Não bastam meras melhorias e colocar esparadrapos sobre as chagas do corpo ferido da Mãe Terra. Somos forçados a um novo começo. Ele, consoante a Carta da Terra e a encíclica do Papa Francisco, cujos destinatários é toda a humanidade, “sobre o cuidado da Casa Comum” (*Laudato Si e a Fratelli tutti*): “estamos no mesmo barco: ou nos salvamos todos ou ninguém se salva” (n. 35;54;137).

Leonardo Boff



Apresentação

Este relatório representa um esforço de se entender a complexidade de efeitos causados pelo crescimento do uso de agrotóxicos na vida da população residente na região do planalto santareno. Para tanto, é dividido em duas partes: a primeira visa trazer indicações de pesquisas e dados compilados por especialistas sobre os efeitos dos agrotóxicos e sobre o contexto do planalto santareno, procurando traçar caminhos para a compreensão do que significa toda a problemática; a segunda parte traz depoimentos de agricultores familiares sobre consequências do uso de tais substâncias nas suas vidas, trazendo dramas reais, para aproximar o leitor dos desafios que os moradores das comunidades rurais do planalto enfrentam cotidianamente.

Este tema de estudo é importante uma vez que os governos e pessoas que pensam a Amazônia com um olhar de fora falam em desenvolvimento com uma lógica diferente daquela dos povos da Amazônia, pautada pela utilização da natureza como parte da vida cotidiana dos habitantes. A visão de desenvolvimento com uma máscara externa se baseia no modo exploratório do capitalismo de expropriação dos recursos e contrasta com a produção agrícola e agroextrativista praticada pelos povos da floresta, que sustentam grandes povoadamentos humanos há milênios se utilizando de técnicas de plantio, coleta e manejo dos recursos de forma aprimorada e que não causaram grandes danos a biodiversidade local, mas ao contrário, transformaram a paisagem Amazônica e contribuíram com o enriquecimento da terra e com a domesticação de espécies úteis e formação de verdadeiras florestas de alimentos.

Na Encíclica *Laudato Si'*, o Papa Francisco nos convida a refletir sobre as consequências da ação humana nos ambientes naturais. “Basta..., olhar a realidade com sinceridade, para ver que há uma grande deterioração da nossa casa comum... Todavia parece notar-se sintomas dum ponto de ruptura, por causa da alta velocidade das mudanças e da degradação, que se manifestam tanto em catástrofes naturais regionais como em crises sociais ou mesmo financeiras, uma vez que os problemas do mundo não se podem analisar nem explicar de forma isolada. Há regiões que já se encontram particularmente em risco... porque deixamos de pensar nas finalidades da ação humana (Francisco, 2015, n. 61, p. 48)”, adverte o Papa sobre a poluição e a degradação “causada pelo transporte, pelos fumos das indústrias, pelas descargas de substâncias que contribuem para a acidificação do solo e da

água, pelos fertilizantes, inseticidas, fungicidas, pesticidas e agrotóxicos em geral..." (LS. 20).

Igualmente, o Relatório de 2019 do Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC), traz o alerta de que mudanças no uso da terra e gestão insustentável da terra, principalmente pela prática da agricultura, degradam os ambientes. Esta degradação "afeta os seres humanos de várias maneiras, interagindo com aspectos sociais, políticos, culturais e econômicos, incluindo mercados, tecnologia, desigualdade e mudanças demográficas (IPCC, 2019, Fonte eletrônica)".

A atual crise ambiental pela qual o mundo está passando exige uma conversão na forma como o ser humano está impactando o ambiente. Os grandes campos de monocultura de soja e milho são, na região do planalto santareno, uma das principais causas de degradação do ambiente e da vida das populações. O uso de agrotóxicos, substâncias com efeito danoso à saúde da biota e das pessoas que tem entram em contato com tais substâncias, sejam eles manejadores, agricultores, moradores de cidades, profissionais e comunitários de áreas afetadas pela deriva, consumidores de produtos e água com resíduos de tais substâncias, enfim, todos aqueles que tenham sido expostos de alguma forma aos componentes de agrotóxicos. Encarar com responsabilidade os desafios no caminho da busca de uma produção sustentável exige o conhecimento dos problemas envolvidos. Que este relatório sirva de mais um alerta para tomada de decisão e compromisso com a defesa da vida neste território, não só para as pastorais sociais, mas também para todas as pessoas preocupadas com o bem viver das comunidades amazônicas.



A close-up photograph of green leaves on a tree branch, with the word "Introdução" overlaid in white text. The leaves are vibrant green and appear to have some water droplets on them. The background is a soft-focus green, suggesting a dense forest or garden setting. The text is centered horizontally and vertically on the left side of the image.

Introdução

Nesta introdução se apresenta um marco referencial da discussão sobre o uso dos agrotóxicos e a problemática das monoculturas que vai de encontro com a cooperação e biodiversidade próprias ao modo de produzir e ao bioma amazônico e o sentido do desenvolvimento que está em jogo na Amazônia. Na seção seguinte trata-se da situação do planalto santareno, região que engloba os municípios de Santarém, Mojuí dos Campos e Belterra. E por fim, traz os relatos de alguns agricultores familiares impactados pelo agronegócio e pelos agrotóxicos.

O cultivo em grandes campos de monocultivo, ou seja, em áreas com centenas de milhares de indivíduos de uma única espécie plantados uns próximos aos outros, levou a agricultura pós-revolução verde, a uma dependência do uso de agroquímicos. Essa dependência se deve ao fato de, estando os espécimes tão próximos uns dos outros, ficarem mais vulneráveis ao ataque de “pragas agrícolas” que muitas vezes têm relação específica com determinado tipo de planta. Isso, somado a ausência de equilíbrio ecológico causado pela completa modificação da biodiversidade original, e pela exigência de se extrair o máximo possível de lucro dos plantios comerciais, acarreta na necessidade de utilização de mecanismos de controle de pragas com o uso de substâncias e compostos químicos com ação bioativa¹.

Como agroquímicos, entendem-se as várias substâncias sintetizadas para uso em lavouras, que tem potencial de interferir e/ou impedir o ataque de “pragas”, a invasão de “ervas daninhas” ou ainda são utilizadas para “melhorar” a concentração de nutrientes necessários ao crescimento das culturas.

Os agrotóxicos são compostos químicos fabricados com substâncias (princípios ativos) que interferem nas funções biológicas dos organismos. Isto quer dizer que eles atuam como venenos para espécies de animais e plantas indesejadas nas plantações, pois estas diminuem a produtividade do cultivo de interesse.

¹ Uma substância com ação bioativa é um composto que tem um efeito sobre um organismo vivo, tecido ou célula, podendo seja um efeito benéfico ou não.

Os agrotóxicos são produzidos com um ou mais princípios ativos (fórmula química de efeito biológico) conjugados, dependendo do efeito esperado ou também da resistência do organismo alvo que se deseja combater. A concentração de uma única ou poucas espécies cultivadas em grandes plantações, acarreta na maior incidência de problemas com “pragas agrícolas”, pois o controle biológico natural é limitado em um cenário como este.

O uso dos agrotóxicos é justificado por seus defensores pela crescente necessidade de produção de alimentos, para uma população humana igualmente crescente, e sob o argumento de combate a fome no mundo, que dependeria de grandes plantações, que por sua vez dependem destes compostos, para assim garantir o abastecimento das populações humanas.

Os agrotóxicos interferem no equilíbrio biológico dos ecossistemas, como veremos adiante. Seus efeitos vão muito além da população alvo, impactando a flora e fauna que circundam as plantações. A deriva dos produtos pulverizados nas plantações gera impactos também nas águas, nos solos, nas comunidades e até nas cidades.

A utilização de aspas em parágrafos anteriores, para destaque de algumas palavras visa trazer à tona o debate sobre o conceito de pragas agrícolas, ervas daninhas e melhoramento do solo, no contexto da produção extensiva comercial e o contraste com a forma de produzir da agroecologia. Para a agricultura, segundo Ribeiro *et al.* (2017, pag. 187).

“... praga é qualquer espécie de planta, animal, ou micro-organismo que ameace a saúde e o bem-estar humanos. No entanto, a maioria delas se encaixa em nichos ecológicos específicos e tem funções importantes para a integridade dos ecossistemas, inclusive quando não são diretamente úteis aos humanos.”

Esse debate se faz necessário e é fundamental na discussão sobre o uso de agrotóxicos e a forma de produzir alimentos que depende de tais substâncias, uma vez que existem outras abordagens sobre o papel

da biodiversidade de animais, plantas e microrganismos como colaboradores da produção agrícola. Um outro tema de forte debate é o próprio uso do termo agrotóxico, conforme utilizaremos neste relatório, pois alguns defendem o uso de defensivos agrícolas, porém por representarem substâncias com comprovada ação tóxica sobre os organismos vivos, o termo mais correto é agrotóxico².

Tradicionalmente, mesmo sem consciência por parte dos agricultores, a produção agrícola se beneficia de diferentes seres vivos como aliados potencializadores da produção (como por exemplo os polinizadores – espécies que contribuem com o sucesso do surgimento de frutos nas plantas com flores) e/ou como melhoradores da qualidade solo (exemplo: plantas que fazem associação com bactérias fixadoras de nitrogênio, que melhoram a disponibilidade deste nutriente nos solos), entre tantos outros benefícios diretos ou indiretos (para exemplos, consultar: Imperatriz-Fonseca & Nunes-Silva 2010; Cepaldi *et al.* 2014 e; Salazar *et al.* 2018).

O avanço do conhecimento científico no campo das interações entre os seres vivos nos ambientes naturais trouxe à tona uma grande quantidade de informações sobre como a natureza pode contribuir com a produção de alimentos na agricultura (para informações mais detalhadas sobre este assunto, sugerimos algumas fontes de consulta: Silva, 2018; Ordonez, 2017; Rodrigues *et al.* Orgs., 2019; BPBES/REBIPP, 2019). Por outro lado, a agricultura também pode ser praticada de forma a não destruir e comprometer os ambientes naturais e o equilíbrio ecossistêmico, como mostram os resultados da prática da agricultura ecológica, ou agroecologia (para informações mais detalhadas sobre este assunto, sugerimos algumas fontes de consulta: Caporal & Costabeber, 2004; Assis, 2005; Petersen *et al.*, 2009; Rebello, 2018; Soares *et al.* 2000; para acesso à uma vasta literatura sobre a agroecologia, recomendamos acessar a página da web: <https://www.bibliotecaagptea.org.br/agricultura-novo/agroecologia/agroecologia-livros/>).

²Veja-se GREGORI, Pedro. Agrotóxico, veneno, defensivo? Entenda a disputa pelo nome desses produtos agrícolas. Agência Pública / Repórter Brasil | 24/01/19 <https://reporterbrasil.org.br/2019/01/agrotoxico-veneno-defensivo-entenda-a-disputa-pelo-nome-desses-produtos-agricolas/>

Existe um embate de duas formas de produzir alimentos: a agricultura industrial capitalista e a produção em pequena escala dos agricultores familiares. Os agrotóxicos desempenham um papel central para o sucesso do modelo de produção do agronegócio. Por outro lado, para o modelo agroecológico, que considera como fundamental a garantia da saúde humana e ambiental, os agrotóxicos são um dos principais, senão o maior, problema.

Esse ponto de discussão é crucial. Uma vez que a natureza passa a ser vista como inimiga da produção, e ameaçada com todo tipo de ataques, químicos ou por conversão dos solos e desestruturação dos mananciais de água, por exemplo, o papel desempenhado por inúmeros seres que atuam como mantenedores do equilíbrio ecológico, fica comprometido. Entre os problemas mais graves decorrentes do uso de agrotóxicos figura o declínio de espécies úteis para o equilíbrio do ambiente e também para a própria produção de alimentos. E, desta forma, a própria vida dos seres humanos está sob ameaça, como no caso do desaparecimento dos polinizadores (Nocelli *et al.* 2012; CGEE, 2017). Esta é uma das principais argumentações para aqueles que defendem o não uso de agrotóxicos na produção agropecuária.

Retomaremos o exemplo dos benefícios dos polinizadores, apresentado anteriormente, que servirá para embasar a discussão. Estes seres, que em sua grande maioria pertencem a Classe Insecta³, tem influência no sucesso da produção de frutos de uma grande variedade de espécies vegetais utilizadas pelos seres humanos. As abelhas são particularmente vulneráveis a diversos princípios ativos utilizados como inseticidas. Não apenas as espécies úteis se beneficiam deste serviço ambiental⁴ (polinização), mas muitas outras com as quais eles interagem nos ambientes naturais, enquanto buscam recursos para a sua subsistência (Barbosa *et al.* 2017, p. 695).

Em última análise, os polinizadores contribuem para a existência e

³ A Classe Insecta é formada por seres invertebrados que possuem exoesqueleto quitinoso, com corpo formado por três partes e três pares de pernas articuladas. São popularmente conhecidos como insetos.

⁴ Os serviços ambientais, ou serviços ecossistêmicos, são processos gerados pela própria natureza que sustentam a vida no planeta Terra, e direta ou indiretamente, beneficiam o ser humano. Existe, no entanto, uma preocupação que o setor financeiro nacional e internacional tente se apropriar mediante a criação de mecanismos de mercado, cuja maior preocupação, portanto, não está na proteção da natureza.

manutenção de vastas áreas de florestas, pois o sucesso reprodutivo⁵, particularmente nas regiões Neotropicais, é grandemente dependente destes agentes para uma vasta gama de espécies com flores. Por sua vez, as florestas garantem o equilíbrio climático global, como tem sido comprovado com as mudanças climáticas cujos efeitos se estendem a todos os ambientes terrestres, conectados pelos ciclos climáticos globais. As abelhas representam o principal grupo agente de polinização e correm o risco de desaparecer completamente nos próximos anos, dada a crescente utilização de compostos químicos presentes nos agrotóxicos, que são responsáveis pela morte de uma grande quantidade de espécies de polinizadores e que causam o colapso das colônias (Pires, 2016, p. 437; Caldas. 2018; Bovi, 2013, p. 9).

Uma intervenção tão radical nos ecossistemas terrestres, como a extinção local ou total de uma dada espécie, ou de um grupo de espécies, principalmente naqueles mais sensíveis, pode trazer consequências ainda não totalmente compreendidas, dada a complexidade das interações entre os diferentes seres vivos e o meio, podendo ser uma ameaça real para a manutenção da vida na Terra. Somado a isso, o efeito de extinção local causado pela conversão de grandes áreas de florestas em gigantescos campos de cultivo de uma única espécie, resultado do modelo de produção em vastos campos de monocultura, permitida pelo uso de agrotóxicos, também pode interferir negativamente na produção de diversos alimentos de interesse humano, ou seja, o efeito contrário ao proposto por aqueles que defendem seu uso.

Neste ponto abordado no parágrafo anterior é preciso ter a compreensão de que os grandes campos de monocultura não atendem as necessidades alimentares básicas da população de uma determinada região. Aqui, no planalto Santareno, vemos o exemplo da diminuição das “floreas de alimentos” substituídas por gigantescos campos de soja. Na sua maior parcela, essa produção se destina à exportação, para servir principalmente para abastecer o mercado europeu e asiático com matéria-prima para a produção de ração animal. Tais locais eram utilizados imemorialmente pelos povos originários, para a coleta de uma grande variedade de frutos (piquiá, uxi, etc.), amêndoas (castanha-do-Brasil, castanha-sapucáia, etc.), plantas medicinais (carapanaúba, andiroba, entre tantas outras), plantas estas fundamentais

⁵ Por sucesso reprodutivo, entenda-se capacidade de surgimento de descendentes.

para a cultura alimentar e para a medicina das populações tradicionais. Essa herança cultural do uso destes alimentos perdura para a população que hoje habita a região, sejam eles migrantes ou descendentes de povos autóctones.

Segundo Bernardo & Ramos (2016, p.3),

“A agricultura é uma atividade que permite ao homem produzir alimentos e recursos renováveis e contribui, também, para o desenvolvimento do meio rural. Ao longo dos séculos, a produção agrária tem desenhado paisagens de grande beleza e contribuído para a conservação da biodiversidade através da utilização das terras de uma forma adequada às condições naturais (agricultura tradicional).”

Na Amazônia, tradicionalmente, a forma de produzir se baseia na policultura, ou seja, no plantio de uma grande variedade de espécies vegetais e criação de pequenos animais, que complementam a alimentação diária, aliadas a caça e a pesca artesanal. Além disso, a floresta funciona como uma grande fonte de recursos necessários para a vida, fornecendo ferramentas, materiais, alimentos e medicamentos.

A justificativa de se aumentar a produção mundial de alimentos não traz nenhuma reflexão sobre os impactos locais e regionais no comprometimento da segurança alimentar de populações que vivem do trabalho na terra em locais como a Amazônia, cuja cultura produtiva e obtenção de alimentos está fortemente vinculada ao ambiente de florestas.

A cultura produtiva das populações tradicionais não cabe, portanto, em modelos que se baseiam em monoculturas. Em todo o mundo, a cultura está fortemente relacionada com os produtos alimentares e as espécies de uso tradicional. Suprimir as florestas compromete grandemente o bem viver amazônico pois dizima uma fonte vital de recursos de uso cotidiano.

Segundo registros arqueológicos e etnobotânicos, a própria compo-

sição de uma porção da paisagem amazônica é o resultado da coexistência de humanos e natureza ao longo de milênios. As “florestas de alimentos” são o resultado desta convivência pacífica que resultou no enriquecimento da floresta com espécies vegetais de interesse humano.

Entre os efeitos mais perversos causados pelo uso de agrotóxicos estão os problemas que muitas destas substâncias causam no desenvolvimento de fetos. Entre eles podemos citar: má formação fetal, indução ao aborto, dificuldade no desenvolvimento cognitivo, má formação física, câncer infantil e desregulamento do sistema endócrino. Discutiremos alguns destes casos de forma mais detalhada em capítulo específico deste relatório.

Segundo o INCA – Instituto Nacional do Câncer José de Alencar Gomes da Silva, agrotóxicos utilizados na produção dos alimentos no Brasil causam danos ao meio ambiente e a saúde do produtor rural e do consumidor. Regiões com alto uso de agrotóxicos apresentam incidência de câncer bem acima da média nacional e mundial.

O registro de intoxicações por substâncias químicas, inclusive por agrotóxicos, sejam elas acidentais ou propositais, é obrigatório no Brasil. No caso específico dos agrotóxicos, a maioria dos agentes de saúde, porém, não sabe ou não faz o diagnóstico e a notificação, o que indica que o número oficial não corresponde à realidade dos casos. Na região do planalto santareno, a subnotificação é uma realidade cruel. Isto faz com que muitas pessoas que apresentam sintomas graves, pela exposição a agrotóxicos não consigam o tratamento correto. Entre os moradores de comunidades rurais há vários relatos em que possíveis intoxicações foram tratadas como se fossem casos de virose comum. Mesmo casos mais graves não recebem a atenção devida dos serviços de saúde, que não estão preparados para o atendimento destes casos segundo o relato de profissionais da área da saúde com atuação na região.

No contexto do planalto santareno, a cidade de Belterra é uma das mais atingidas pelo uso de agrotóxicos, pois na localidade não existe um limite entre as plantações e o perímetro urbano. Escolas, espaços comunitários e ruas são cercadas por plantações que fazem uso destas substâncias, fazendo com que o efeito seja sentido por uma grande parcela da população.

Mojú dos Campos, o município paraense criado mais recentemente, tem seu território dominado pela cultura produtiva do agronegócio, e teve muitas comunidades tradicionais extintas ou com a qualidade de vida comprometida pelas implicações decorrentes do processo de conversão da produção tradicional em grandes campos de plantação de grãos e outros monocultivos.

A cidade de Santarém é o maior centro urbano da Região Oeste do Pará, por sua vez, viu suas periferias incharem nos últimos anos com um crescente número de pessoas migrantes das comunidades que foram afetadas pelos plantios de soja. Este inchaço não foi acompanhado de uma melhoria na qualidade de infraestrutura, segurança e demais serviços básicos necessários para oferta para a população. Apesar disto, uma boa parte dos governantes acredita que o sucesso do agronegócio traz benefícios para a população, ou pelo menos vende esta ideia e assim continua favorecendo políticas voltadas para este setor em nível local e regional, e criminalizando a atuação de entidades que defendem os direitos territoriais das populações tradicionais.

Por fim, é importante destacar o aumento expressivo no número de novos agrotóxicos registrados no Brasil. Somente durante o primeiro ano do governo de Jair Bolsonaro, foram registrados 474 novos produtos, sendo 26 inéditos. Em 2020, já foram 150 novos registros, sendo que 118 deles já durante a pandemia do novo coronavírus, e duas (2) novas substâncias.

Este volume enorme de novas liberações de agrotóxicos, assusta, principalmente porque algumas destas substâncias já foram banidas em outros países e para alguns destes, existem fortes suspeitas de serem causadoras de câncer entre outras patologias e distúrbios. Invariavelmente, esse cenário poderá elevar o número de acidentes, contaminação humana e ambiental, intoxicações e adoecimento da população rural e urbana.



A landscape photograph showing a river in the foreground with ripples on its surface. The riverbank is covered in dense, lush green forest. A single, tall, thin tree with a flat canopy stands out prominently against a cloudy, overcast sky. The text 'PLANALTO SANTARENO' is overlaid in white, bold, sans-serif font across the middle of the image.

PLANALTO SANTARENO

Desenvolvimento de um modelo hegemônico de monocultura de soja

Nos últimos tempos, a destruição das florestas em todo o planeta se intensificou de tal forma com efeitos globais influenciando grandemente nos processos de mudanças climáticas de origem antropogênica pelos quais o planeta Terra vem passando. Assim, nenhum território do globo terrestre está isento de sentir as consequências do capitalismo predatório que domina as ações humanas nos ambientes naturais e sociais, e aqueles mais frágeis e vulneráveis, assim como seus povos, tendem a sofrer os maiores impactos. A região amazônica não escapou desse processo e sofre os impactos desta ação colonialista predatória de ocupação dos territórios. Muitos pesquisadores das diversas áreas se debruçaram no estudo sobre a região amazônica, e os fatores históricos que se desenrolaram até o cenário de crise que encontramos agora:

“...as diferentes formas de ocupação do território amazônico e de uso dos seus recursos naturais são a síntese de diferentes contextos históricos, sociais, políticos e econômicos pelos quais passou e ainda passa o Brasil. Neste espaço, ainda em formação e consolidação, tiveram grande importância as intervenções governamentais em diferentes níveis, os movimentos sociais, os grupos de interesse (mineradores, indústrias madeireiras, pecuaristas etc.), as organizações não-governamentais nacionais e internacionais, entre outros. Mais recentemente, novos atores passaram a integrar esse cenário, notadamente os grandes produtores e empresários do agronegócio.

Dada essa diversidade de fatos e atores, é difícil haver um entendimento único sobre o melhor uso dos recursos naturais da região. Por se tratar de uma região de fronteira, a Amazônia vem sendo marcada pela incorporação de terras e de recursos naturais, realizada, via de regra, dentro

de uma lógica puramente econômica, e, mais do que isso, insustentável. Resulta daí o cenário de devastação ambiental em que se encontram muitos trechos da região, cenário este percebido principalmente pelo incremento das já elevadas taxas de desflorestamento observadas nas últimas décadas (Machado, 2009, p. 128).”

O intuito deste relatório é discutir os impactos do uso dos agrotóxicos no planalto santareno, considerando principalmente os impactos sociais. Mas uma contextualização sobre a ocupação recente deste território se faz necessária, para entender como esse processo é desafiador para as comunidades que vivem nesta região. Sobre esse processo de ocupação, trazemos esta citação:

“A visão da Amazônia como uma região de vocação agrária e extrativista pelos Planos Nacionais de Desenvolvimento implantados durante o governo militar, pressupunha a floresta morta, como matéria prima a ser explorada, assim como sua gente. A expectativa de usar a terra para usos de interesse nacional, para distensionar conflitos de outras regiões, de ampliar o superávit da balança comercial com exportação de commodities, atraiu ondas migratórias oriundas de contextos mais urbanos, que esperavam reconstruir seus mundos na fronteira aberta pelos militares. Mas isso não aconteceria sem resistências!... Subitamente, comunidades rurais seculares e as áreas de floresta e várzea foram ressignificadas, convertidas em periferias urbanas, em áreas de cultivo ou alvo de pressões imobiliárias (Reis, Pinho, Alves, & Rodrigues, 2019, p. 10).”

Os agrotóxicos passam a ser utilizados na região como parte de um projeto maior em todo o corredor da soja e do milho de implantação um mo-

delo hegemônico de monocultura de soja e milho, em detrimento da agricultura familiar e da cultura produtiva dos agroextrativistas, seguindo a expansão dos plantios de monoculturas de soja no bioma Amazônico. Dizemos aqui hegemônico, pois onde chega, exclui ou dificulta a possibilidade do desenvolvimento de outras formas de cultivo, como já foi introduzido e ficará ainda evidente no decorrer deste relatório. E esse formato de desenvolvimento nos moldes capitalistas, percebe a floresta e a natureza como obstáculos, e o modo de viver e produzir amazônicos como inferiores e desprovidos de tecnologia, justificando assim a ideia de inserção de novas práticas.

Neste contexto, é necessário destacar a imposição de um modelo que vem de fora para dentro, pelo comprometimento de políticos locais ou de expressão nacional que enxergam a solução dos problemas regionais em modelos exógenos e que não atendem a demanda da população por melhorias tão necessárias, tais como acesso a saúde e educação de qualidade, melhores condições para produzir e viver em seus territórios. Na Região Amazônica, as políticas públicas planejadas e implementadas ao longo dos últimos 50 anos se propunham ao ideal de sua “modernização técnica” (Toledo, 2011, p. 78). As pessoas que aqui chegam para conduzir esta proposta desenvolvimentista, em sua maior parcela, desconhecem totalmente o modo de viver e produzir em contato íntimo com a natureza e a paisagem amazônica dos povos originários, oriundas de séculos de experiência que levaram ao surgimento de técnicas sustentáveis e ricas em conhecimento sobre a biodiversidade, e destilam seu preconceito contra a cultura autóctone.

Alguns fatores podem explicar a expansão da soja para a região Oeste do Pará a partir da década de 90, entre eles o aumento da demanda mundial pelo grão, melhorias na rede de infraestrutura e, principalmente na BR-163, conhecida como rodovia da soja, que liga o Mato Grosso a Santarém, no Pará, impulsionaram a expansão da atividade na região (Deutsche Welle, Fonte eletrônica).

Toledo (2011, p. 88) justifica desta forma a chegada dos grandes plantios de monocultura na região:

“Nos anos 1990, Santarém torna-se um “novo *front*” para a produção de soja e arroz no Bra-

sil. A agricultura que passa a ser praticada ali tem referência planetária e já se inicia com grandes aportes de ciência e tecnologia, além de estar, essencialmente, voltada para o mercado internacionalizado. São extensas áreas de lavouras mecanizadas, utilizando alta tecnologia e grãos selecionados.

“A disponibilidade de terras baratas, a proximidade do terminal graneleiro da Cargill, no Porto de Santarém, a existência de extensas áreas passíveis de mecanização, acrescida da disponibilidade de espécies adaptadas para as condições (edafoclimáticas) do lugar favoreceram a expansão da soja para os municípios de Santarém e Belterra. O cultivo da soja teve início na região em meados de 1999 quando foi instalado o terminal graneleiro da Cargill e foram ampliadas as possibilidades de pavimentação da rodovia BR-163. Os produtores agrícolas, vindos na maior parte do Mato Grosso, se instalaram na Região adquirindo terras a baixo custo e iniciaram suas atividades com o cultivo de grãos que podem ser produzidos em rotação com a soja como o sorgo, o milho e o arroz.”

A imposição deste modelo se inicia por iniciativa e/ou incentivo de governos e empresários do ramo, que vêm na topografia do planalto a possibilidade de desenvolvimento desta atividade. A sua história de formação foi registrada por alguns estudos, com destaque para o estudo de Solange Maria Gayoso da Costa (Gayoso da Costa, 2015), que de forma bem detalhada, evidencia os processos de conflitos gerados pelo desenvolvimento na região deste modelo de produção.

Assim, são vários os relatos deste período em que se pleiteava a entrada deste modelo extensivo de produção, que trazem a informação de que o então prefeito do município de Santarém “vendia” a ideia para os agricultores

que se tratava de pequenos cultivos de soja que queriam se estabelecer na região, segundo depoimentos de camponeses. (Veja Seminário de 20 anos de Soja na Região do Planalto Santareno, UFOPA, 2018). Como este, existem outros registros: “As propagandas feitas pela Prefeitura do município, alardeavam uma vantagem (pedológica) sobre a fertilidade dos solos da microrregião de Santarém (Alenquer, Belterra, Curuá, Santarém, Monte Alegre, Faro, Juruti, Óbidos, Oriximiná e Prainha), em relação às outras microrregiões do estado” (Teixeira, Cunha, & Terra, 2012, p. 10).

Os agrotóxicos são uma parte fundamental do processo de conversão de florestas, quintais produtivos, roças e demais sistemas de cultivo e pecuária da agricultura familiar em vastos campos de cultivo. Juntamente aos plantios, uma rede de infraestrutura, lojas e serviços voltados para esta forma de produzir vêm somadas a este processo, incluindo a necessidade de implantação de grandes portos para escoamento da produção.

Um último destaque que se deve fazer é que este modelo de desenvolvimento continua sendo a aposta dos governos municipais, como fica evidenciado no Mapa de Aptidão Agrícola do Município de Santarém (Anexo 1), anexo ao último Plano Diretor de Santarém (2018), aprovado às pressas no final do ano legislativo e cuja a proposta foi contestada pela sociedade civil organizada e rejeitado em audiência pública, pois inclui extensas áreas de posse das comunidades tradicionais como áreas aptas ao cultivo de monoculturas de grãos, a despeito da ameaça que representam para a população residente nestes territórios.

Os agrotóxicos criam dependência. É outro problema decorrente do uso de agrotóxicos é que ele não traz uma solução definitiva para o controle de pragas, que acabam se adaptando, e desta forma, se faz necessário doses cada vez maiores ou a utilização de mais um princípio ativo ou o surgimento de novos produtos para que este controle seja efetivado. Isto gera uma dependência crônica dos agricultores e insere cada vez mais produtos nocivos no ambiente, sendo difícil de se medir seus efeitos à longo prazo.

O “pacote” de venenos da soja. Nos sites das empresas fabricantes de agrotóxicos é possível identificar uma grande gama de produtos indicados para o controle das pragas utilizados no plantio de soja e milho

safrinha, as duas principais culturas dos grandes campos de soja encontrados na região do planalto.

Tivemos acesso a uma lista de produtos químicos que são utilizados em uma propriedade da região que contém, desde a preparação das sementes até a colocação do dissecante de folhas, utilizado antes da colheita, o impressionante número de 26 produtos proveniente de três fornecedores diferentes. Das empresas fornecedoras, uma está localizada no Mato Grosso e duas em Santarém. A lista inclui o Fipronil, o que poderia explicar o grande declínio de colmeias de abelhas relatado por criadores de abelhas na região, que tiveram toda sua produção comprometida nos últimos anos. Segue a lista completa dos produtos: Cypress, Dual Gold, Gramocil, Elatus, Calaris, Fluil BPH, Yantra, Broadacre, KMax, Reforce, Big Red, Booster, Supa Complet, Boro Super, CMZ Infinity, Xequê Mate, Classic, Fipronil, Dermarcor, Certeza, Prêmio, Talstar, Fox, Aproch, Cercobin, WG e Nativo.

As consequências regionais dos impactos gerados por esta mudança na paisagem e na forma de produzir, mudanças estas que ocorrem de forma acelerada e desproporcional ao surgimento de infraestrutura e medidas de garantia dos serviços básicos a população, ficaram registradas em vários aspectos da cultura e da vida das pessoas, muitas vezes de forma dramática, que ficarão evidentes nas falas dos entrevistados trazidos na próxima seção.

A seguir, apresentaremos alguns depoimentos de pessoas que tiveram suas vidas alteradas depois que o planalto santareno começou a ser ocupado por imensos campos de plantio de soja e milho, mudando o ambiente, convertendo florestas com rica biodiversidade de espécies em campos de monocultura de grãos destinados à exportação. Comunidades e povoados foram deixando de existir ou alterando suas características, “perdendo” suas terras de cultivo e quebrando o tecido social das comunidades, suas expressões culturais, porque o uso de agrotóxicos é parte de todo o modelo de produção de monoculturas. À medida que este processo foi se ampliando, muitos camponeses venderam suas terras e migraram para outras localidades ou para os núcleos urbanos da região. E uma elite rural rica formada por migrantes de estados, sem raízes na região, chamados localmente de “gaúchos”, que se consolidou e ampliou sua influência na vida social e política da região nas últimas duas décadas.

Entre moradores, agricultores familiares e extrativistas que residem na região do planalto, há uma grande insatisfação com a forma que a floresta vem sendo convertida em campos de monocultura e com o uso exagerado de doses de diversos agrotóxicos em localidades próximas a comunidades e até bairros de cidades. As queixas se estendem a atuação de agentes públicos de várias esferas e o investimento e permissividade em relação ao crescimento do agronegócio, sem a realização de medidas de mitigação de impactos na saúde e no bem viver e gerando prejuízos a população, principalmente pela falta de fiscalização de possíveis abusos cometidos. Além disso, a alegada compensação pelos impostos gerados e investimentos que poderiam ser revertidos, em tese, para benefício da população, não é de fato sentida pela população.

Os relatos apresentados foram feitos por pessoas de diferentes localidades dos municípios de Santarém, Belterra e Mojuí dos Campos que se dizem atingidas pelos impactos deste processo e principalmente pelo uso de agrotóxicos, ou que presenciaram todas as mudanças que ocorreram na região nas últimas décadas. Entre os relatos, estão os de pessoas que ainda resistem em suas localidades e de pessoas que tiveram que abandonar seus territórios, por diferentes motivos, como será apresentado. Os entrevistados não são identificados por motivo de segurança, visto que na região a maioria dos impactados tem medo de sofrer represália por conta das ameaças sofridas.

Portanto, nas próximas páginas, investigaremos e traremos reflexões mais aprofundadas sobre alguns impactos relacionados com o uso de agrotóxicos e apontados por moradores da região como motivo de ameaça a vida e ao bem-estar da população residente no planalto santareno. As entrevistas que serão citadas neste relatório foram feitas no ano de 2018 e 2019, antes da pandemia do novo coronavírus.



1. Políticas públicas e incentivo ao agronegócio

A escolha pelo modelo de desenvolvimento do agronegócio deixou à margem toda uma população que vive da terra, aquela mais desprovida de recursos. Essa escolha feita por parte dos governantes é sentida fortemente pela população campesina, como fica evidente em alguns relatos ouvidos:

“O que angústia da gente é que a gente sabe que tem direito a uma assistência técnica que ela não chega até nos. Nós temos tantas políticas de crédito, mas elas não chegam até nós. Nós morremos pela burocracia” *(Entrevistado 2)*

“Então eu fico imaginando que houve muita ilegalidade muita coisa que facilitou a chegada. O próprio governo do município na época ele disse que foi duro à sensibilização e o convencimento para que os sojeiros viessem atuar em Santarém, então em mil novecentos e noventa e oito teve uma participação muito direta do prefeito que era o Joaquim de Lira Maia em Santarém, e isso foi determinante, estava isso escrito na revista Santarém se um dia você pode localizar você vai ver que essas informações estava também escrito lá, era uma estratégia do governo municipal de desenvolvimento local.” *(Entrevistado 3)*

Essa chegada foi acompanhada pelo movimento popular com muita preocupação, que se mobilizou para defender os territórios da região do Tapajós-Arapiuns, que ainda hoje estão sob ameaça:

“Aí depois dessa questão dessa Amazonex, da madeireira, aí se pensava como defender esse território, que é uma área muito grande – Tapajós e Arapiuns, aí começou a questão da soja”. *(Entrevistado 2)*

“Mas o que marcou mais foi uma reunião no Mentai, ali pelo meado, não sei se foi em 93 por ai

ou 92, era assim, um embate muito grande, por que, é..., os políticos eles influenciavam muito a não criação, por que era uma área muito grande, então deveria ser ocupada pra expansão da soja de agricultura que eles dizem que não é a nossa, né!??, outro tipo de atividade de fazer os grandes empresários, e aí o próprio prefeito, tinha algum deputado que era contra também.”
(Entrevistado 2)

Nesse processo, sítios arqueológicos de grande relevância foram perdidos, apesar das denúncias por parte do movimento popular:

“Eles ampliaram no sítio arqueológico ali na frente da cidade onde era o campo Vera Paz e a praia da Vera Paz tudo foi aterrada e eles mesmo fazem essas pesquisas fazem os laudos para poder a SEMA só assinar, claro que quem vai fazer alguma coisa, vai produzir prova contra si mesmo? Então eu vejo que há uma ilegalidade permanente e constante e essas coisas nunca foram vistas e as nossas forças... porque as forças da gente não foram suficientes o Ministério Público foi desrespeitado... então o que nós fizemos de avanço: uma foi a barreira...” (Entrevistado 2)

“O que leva, é a ganância por dinheiro, por poder. Cada uma luta por seus objetivos; a questão é dinheiro. Quem tem o dinheiro tem o poder na mão, e a gente fica mais triste, por que a gente acompanha os próprios nossos políticos, que se dizem nossos representantes, eles são os primeiros, o que se fala hoje é em agricultura, mas não pros mais pobres, é pros grandes empresários, grandes agricultores têm financiamentos. Vê se a gente chega num banco, num órgão pra financiar dinheiro pra plantar

mandioca, pra criar galinha? É uma burocracia muito (*grande*). E a gente vê que eles não têm limites de empréstimo, e eles conseguem; cada vez mais, mesmo com os impactos, mesmo com as denúncias, a questão ambiental, ele... pega eles no flagra fazendo, mas não demora eles conseguem pagar uma licença, tudo, e eles conseguem... Eu acredito, que o que leva eles é o poder; mas o poder da ganância do dinheiro e da destruição da Amazônia, do nosso patrimônio, da água. A gente vê aqui em Santarém, somos cercados de rios, mas a falta de água e energia em Santarém, infelizmente é uma vergonha. Nós temos água e nós tem terra, mas é o povo que paga mais caro, que vende o seu produto da agricultura mais barato, mas que pra se alimentar paga muito caro. Na questão de energia... a energia, a gente vê que é usado os nossos rios, nossos lagos, nossos igarapés daqui pra fazer hidrelétrica, mas a energia aqui é muito cara. E pra lá pra fora, onde eles usam e abusam, então eles pagam uma taxa mínima." (*Entrevistado 3*)

A landscape photograph showing a mix of cleared land and remaining forest. In the foreground, there is a large, weathered tree stump. The middle ground features a cleared, brownish field with a few scattered trees. In the background, a dense line of forest stretches across the horizon under a cloudy sky. The overall scene suggests the impact of land clearing on a natural environment.

2. Impactos na posse e uso da terra

Começamos este tópico com uma reflexão sobre a visão desenvolvimentista que há décadas orienta as políticas públicas pensadas para a Amazônia e para a região Oeste do Pará.

“Foi uma luta assim muito grande com a chegada da soja, principalmente com o porto da Cargil ali, que a gente não concordava; ainda me lembro que teve várias audiências, aonde a gente ia, mas eles juntavam um bocado de pessoas, ofereciam comida, camisa, tudo pra ir. Me lembro que teve uma audiência ali no... ali próximo da UFOPA, um local bem grande..., perto da SUDAM... Aí foi feito uma audiência, onde tinha mais de 2.000 pessoas, aí eles conseguiram contratar a maioria oferecendo tudo pra dominar; aí a gente foi participar; até o (nome omitido) foi muito criticado lá, ameaçado, e eles gritavam dizendo que a soja vinha trazer muito emprego pra população, e quando acaba a gente, o que levaram foi o porto de Santarém quase, né?!” (*Entrevistado 3*)

O primeiro impacto da chegada da soja e das monoculturas dependentes dos agrotóxicos talvez tenha sido a insegurança em relação a terra. Historicamente, a região Amazônica padece com os graves problemas ocasionados pela insegurança jurídica na posse da terra pelas populações que ocupam a região desde tempos imemoriais e pela grilagem de terras promovidas por pessoas com grande poder econômico e muitas vezes relacionadas com forças políticas de expressão na região.

Sobre a chegada de migrantes, na época da Ditadura Militar, onde o Governo Federal promoveu a migração para ocupação de terras na Amazônia, assim descreve esse processo um dos entrevistados:

“Alguns (foram) *jogados* com aquele slogan ‘Terra sem homens para homens sem-terra’. As pessoas ficaram aí lutando por um pedaço de chão disputando, produzindo da sua maneira, mas sem

uma legalidade, também porque pouco você via uma concessão real de uso e muito menos um título definitivo que era isso que garantia também pra esses que trabalhavam nessas áreas do planalto como na Curuá-Una, na BR 163 e dessa PA 370. O que acontecia então, nessa hora: algumas pessoas desinformadas... muito por ausência das políticas públicas: que faltava uma estrada, faltava uma energia..." *(Entrevistado 2)*

A venda que se iniciava com um pedaço da posse levou a extinção de comunidades inteiras de agricultores no planalto, pelas diversas estratégias empregadas de convencimento, ameaça e impossibilidade de permanência, gerando intensos conflitos pela posse da terra. Todo esse cenário complexo de insegurança jurídica fez com que muitos posseiros camponeses abandonassem ou fossem expulsos de suas terras e gerou a necessidade de lutar e defender o território dos indígenas, quilombolas e agricultores. Vejamos um dos relatos sobre a chegada dos grandes produtores de grãos na região:

"Eles diziam naquele tempo que eles iriam fazer dobradinha: primeiro extraíam a madeira depois iam plantar soja, a população era como se não existisse e fosse desconsiderado porque dentro desse grande projeto do agronegócio os seres humanos, a população não conta." *(Entrevistado 2)*



3. Expulsão da terra e ameaças

Agricultores familiares do planalto relatam uma série de ameaças para permanecer em seus territórios e produzindo de acordo com sua cultura. De ameaças veladas a condições de impossibilidade de permanência por conta do ostensivo uso de agrotóxicos, os motivos para a migração forçada são variados. Muitos foram seduzidos pela possibilidade de uma vida melhor nas cidades e muitos passaram a ocupar áreas de vulnerabilidade social nas periferias das cidades, tendo sua vida ameaçada pela violência urbana e pelo tráfico de drogas e não conseguem retornar aos seus antigos territórios de vida.

“A maioria das pessoas venderam suas terras porque não tinham conhecimento adequado, eles se vangloriavam só pelo dinheiro, mas não sabiam o que poderia vir depois.”

(Entrevistado 6)

Mas no processo de expansão dos monocultivos de soja, muitas vezes o primeiro contato com os sojicultores era amistoso, com o oferecimento de ajuda aos comunitários:

“Então, a chegada da soja foi há 20 anos atrás e foi trazido pelo gestor do município de Santarém na época. E ele, eu me lembro como se fosse hoje, que ele pregou muito pra nós, da agricultura familiar, que a vinda da soja não ia prejudicar ninguém porque a turma do agronegócio ia só utilizar as terras degradadas, essas terras que nós, da agricultura familiar, não tínhamos condições de recuperar e então esse pessoal que ia vir de fora tinham condições e iam recuperar essas áreas.” *(Entrevistado 8)*

“... A maioria das vezes as comunidades tá precisando de uma ajuda pra fazer uma cerca, pra fazer um poço, pra fazer uma encanação... Então, é... geralmente, as pessoas elas são abordadas por essa parte. Ah, eu quero fazer parte da comunidade, quero ajudar...; outras pessoas até

inclusive entraram na própria igreja para ajudar fazer da igreja, dá a pintura de igreja, material de igreja que é muito comum." (*Entrevistado 4*)

"... Eles vieram com ideia de comprar terra e diziam pra gente, que eles queriam comprar um pedaço de terra simplesmente para morar e ajudar a comunidade, e que eles já tinham vindo lá do Sul, que as terras deles não davam mais nada, mas eles não diziam por que que era. Então foram comprando terra, primeiro o meu vizinho comprou de um lado meu. No outro ano o genro dele comprou do outro lado e no terceiro ano eles compraram os fundos e eu fiquei só, para sair para o ramal. Daí então eu comecei a ser pressionado através de agrotóxico, de veneno... No momento que venderam ali, foi um efeito cascata eu vendi e os outros foram vendendo porque não foram mais aguentando tudo que tinha ali eles derrubaram hoje é só campo de soja". (*Entrevistado 1*).

"Chegavam conversavam a pessoa, viam que as pessoas tinham necessidades: '-Olhe eu vou comprar teu terreno, você vai para a cidade lá você compra uma casa, você vai lá para a cidade grande, você vai ter uma vida melhor'. Outros que não querem ir eles dizem: '-Eu te ofereço emprego, eu te pago um salário, fica trabalhando pra mim!' E hoje noventa por cento do pessoal da agricultura que tinha terra na agricultura que estão na cidade e não tem nada. Eles vieram de lá por conta dessas ofertas enganosas do pessoal que vem de fora... Vende as terras e vem para cidade, só que mais tarde a coisa é mais triste, os filhos entram na prostituição, entra no mundo das drogas, as vezes os filhos que vem da colônia, vamos supor que venha três ou quatro, quando vol-

tam muitas das vezes não voltam mais completo morrem nas drogas, morrem atropelado, a onda da prostituição." (*Entrevistado 1*)

A chegada nos territórios também pode envolver o convencimento ou aliciamento de líderes comunitários:

"E a gente sabe que as comunidades vivem mais de arrecadação (também chamada de coleta) pra isso. Então, é a primeira fórmula de manipular a liderança... Ela mora aí, mas a roça dela é lá na Boa Fé, que ela planta. Ela não teve mais como ir pra adiante. Porque nem galinha não tinha como a gente... se prendia era pior ainda, que morria do mesmo jeito. Tudo ficou difícil, e aí quem podia sair, trabalhar fora, pra ir plantar... saiu. Quem não podia plantar..." (*Entrevistado 4*)

No fragmento de fala seguinte, é perceptível todo o processo até o surgimento dos conflitos e ameaças:

"Nos primeiros anos que eles chegaram por volta de três anos, eles passaram três anos só construindo casa. Uns vieram do Rio Grande do Sul, outros vieram do Paraná, outros vieram de Santa Catarina... Inclusive, eles estão lá até hoje, só que hoje, então eles são gente de fora, eles não são gente daqui, são brasileiros, mas não são aqui do Norte, não são amazonenses e não são paraenses. O que é a ideia deles? Quando eles construíram todas as casas deles que eles estavam já estabilizados eles começaram comprar ao redor da comunidade e hoje, por prova, a nossa comunidade está toda tomada, e moral da história, eu fiquei tão sufocado através do agrotóxico que eu não mais resisti a moradia lá: eu tive que vender para eu ir embora. Então eu fui expulso, não expulso através de atrito, de briga ou discussão. O

que me expulsou foi o agrotóxico usado ao redor de mim e que eu tive atrito de saúde. Meus filhos não ficavam mais bom, todo tempo era com gripe, todo tempo inflamada, dor na cabeça e eu mesmo comecei a sair algumas bolinhas no meu corpo. Até hoje eu tenho marca. Daí então, eu achei por bem que eu não poderia mais ficar por ali, eu não aguentei mais. Além de eu ter sido sufocado pelo agrotóxico, as minhas terras não deram mais nada: o mamão não deu mais, a macaxeira não deu mais, as laranjas morreram, abacateiro não botou mais fruto! Isso eu acredito que seja por conta do agrotóxico. E hoje onde era lugar da minha casa, onde era o lugar do meu terreno, hoje só é a plantação de soja: eles emendaram tudo!" *(Entrevistado 1)*.

"Eles faziam a cabeça do comunitário, chegavam com o presidente de comunidade ou da associação dizendo que queriam comprar uma área de terra, em troca iam dá energia, iam melhorar o baração comunitário, escola... aí vendiam. Aí derrubavam; tinha outro do lado, iam lá, o outro não queria vender, mas depois ele se via acuado, vendia... e aí foi se dando. Então um ia vendendo, outro não ia aguentando. Teve um caso, que só num dia de manhã, foi aqui na região de Belterra, o rapaz disse que morreu 40 galinhas depois da borrifação com coisa, e as crianças... já era muita gripe, tosse, então, eles tiveram que vendendo, não que eles não quisessem, mas foi então que assim se deu a compra de terra. Um ia vendendo, o outro ia ficando sozinho, não aguentava a pressão e vendia também; vários laranjais, várias plantações foram derrubando, e a gente vê o resultado, hoje, como é que tá." *(Entrevistado 3)*

Nessa fala, vemos surgir fortemente a questão dos agrotóxicos. E esse assunto é recorrente, o papel dos usos de agrotóxicos nos conflitos e a ameaças a permanência dos comunitários:

“Quando eu vi os conflitos, quando eu vi o choro das mães quando eu vi aquela terra sendo arrasada que não ficava nem sequer a possibilidade de um inseto permanecer ali, envenenada que isso é pior porque a soja se produz com muito veneno estão borrifando, hoje nós temos comunidades como é a comunidade de Boa Esperança no planalto, muitas pessoas morrendo como recentemente morreu minha companheira... e tantas outras que nós já choramos por elas são as áreas onde o veneno é constantemente (*Entrevistado 2*)

“Hoje eu estou indo lá na comunidade (nome da comunidade omitido) mas eu estou em um outro terreno que eu fui obrigado sair do terreno que eu morava, fui morar com distância de um quilometro e meio só que hoje também eu já estou sentindo, já estou impactado com o agrotóxico. Agora um cidadão gaúcho também comprou um terreno que ele veio e extremou com o meu já pelo lado do fundo e já *aradiou* já desmatou, então eu já estou começando a ser impactado também com agrotóxico.” (*Entrevistado 1*).

“Os nossos trabalhadores, aqueles que lutam eles são ameaçados e se vacilar vai para a bala mesmo não tem jeito, então eles ameaçam mesmo e é para valer.” (*Entrevistado 1*)

“Para eles (agronegócio) tem esses grandes projetos, mas pra nós não tem projeto, então a gente

está ameaçado de todas as formas não tem pra onde se esconder... Não estamos seguros... Hoje podemos dizer o nosso governo é uma bomba em todo momento está estourando pra um lado pra outro. Nós não temos um governo voltado para a sociedade." (*Entrevistado 1*)

As ameaças foram responsáveis por causar medo entre lideranças dos agricultores. A vida de algumas pessoas foi de medo constante, simplesmente porque as pessoas defendiam seus territórios.

"... Quando a gente é liderança, que a gente passa a frente do movimento, a pressão vem muito em cima. Então eu sofri vários tipos de ameaças... O meu marido quando viu que eu estava muito ameaçada pra morrer, tentaram me tirar de casa, tentaram me queimar com gasolina, ele ficou muito arrasado" (*Entrevistado 2*)

Quando se inicia todo esse processo, grande parcela dos camponeses não possuíam a titularidade da terra. Alguns haviam migrado para a região por uma política da época da ditadura militar, que visava a ocupação das terras da região Amazônica, mas que não receberam nem o título de propriedade, nem apoio para a produção, apenas a posse da terra.

Examinando um pouco mais a forma de comercialização da terra, nota-se o surgimento ou aumento da especulação imobiliária na região: quando do "boom" do agronegócio, alguns viram uma forma de enriquecimento pela compra e venda de terras, o que também é permeado pela prática de grilagem⁶ de terras.

"Em relação a questão à compra de terra, é muito voltada por chamados "laranja", né?! Se eu vou comprar diretamente a terra de um agricultor, e o agricultor já está sabendo, até por que o

⁶ A grilagem é um termo frequentemente para se referir a apropriação de terras de forma ilegal.

Sindicato em 2003 fez uma grande campanha em defesa da terra. Então, é muito mais fácil eu pegar alguém e pedir para comprar a terra do outro, do que eu desconhecido e ir lá e comprar. Então, teve pessoas que a gente consegue identificar que eram trabalhadores rurais, que mexiam com pequenos negócios, que só em comprar terras e vender para os outros eles, hoje, vivem da monocultura também. Eles cresceram só comprando a terra pelo um preço, e vendendo por outro preço pra pessoas. Então, é que se eu não vendo para o grande do agronegócio, para o sojeiro, pra pessoa que desconheço, eu vendo pro meu vizinho lá confiando que eu conheço e tudo, que vai comprar, é meu vizinho e passou essa terra na frente. Então, é muito conhecido na esses fatos na região da Curuá-Una. Então, vai lá e compra para mim, que eu te compro. Essa prática foi muito usada. Inclusive, os primeiros lotes que eu falei no início, só cem hectares somente seis mil reais; foram muitos lotes vendidos nesse valor. E a partir daí, hoje, o que eles ainda colocam num hectare de terra é sete mil, que a gente for ver o tanto que o cara perdeu, de seis naquela época e hoje, uma hectare ainda está valendo sete mil... E a gente sabe que quando alguém vende um lote dentro da comunidade, que ele é pra prática do agronegócio, e se a pessoa consegue comprar um ela vai conseguir comprar toda a comunidade, que muitas pessoas vão acabar vendendo. Então, essa prática foi usada na região da Curuá-Uma. E tem a outra questão, é a questão do arrendamento. Eu não comprei a tua terra, mas eu consegui que tu me arrendasses a tua terra. E aí, eu arrendo lá 50 hectares da tua terra e eu trabalho nela dois ou três anos e eu vou te entregar. Eu vou te entregar

aí tu não tens máquina, tu não tem como tocar pra frente, e tu vai querer pra quê aquela terra? Aí é onde vem a proposta de compra de novo. Aí, tu se vê obrigado vender aquela terra, por que tu não tem condições mais de trabalhar nela, e esperar que ela vá se recuperar pra exercer um trabalho nela é muito difícil. Então, é uma das práticas muito grande essa questão de arrendamento também, até hoje a gente ainda ver dessa maneira. *(Entrevistado 4)*

“Nós temos um caso que ficou marcado, que uma pessoa legalizou duas terras sobrepondo quatro comunidades, no município de Santarém na Curua-Uma, que hoje já são os assentamentos que pertence até Curuá, mas quer dizer que o Governo Federal ainda vai ter que pagar como uma desapropriação e o que me angustia é saber que as pessoas que moravam lá moravam desde de mil novecentos e sessenta e três como comunidade como escola e o fazendeiro que veio depois apoiado pelos órgãos que eram corruptos algumas pessoas não sei se eram todas mas eu posso dizer como se legaliza um plano de manejo como se legaliza uma propriedade sem ir lá ver, então eu sou uma pessoa extremamente indignada com essa política que tem que desapropriar o que o outro se apropriou indevidamente, então o fazendeiro se apropriou indevidamente. Então como que ele poderia? Ele deveria era ser penalizado e não beneficiado. Então essas coisas são uma contradição que dói lá na alma da gente que a gente não consegue entender.” *(Entrevistado 2)*
“E as pessoas que também que diziam “ah venderam de besta...” mas não é verdade eles não venderam porque queriam vender... eles não resistiram a estratégia do agronegócio. (Entre-

vista 2)

As perdas dos agricultores familiares se tornaram frequente:

"Já tinha a soja aqui. Depois que foi espalhado pra cá... Morreu tudo, só ficou as que estão desse lado. Aí eu perguntei se ele não queria comprar a minha casa aqui. Se eu vinha aqui pra esse lugar é porque eu queria plantar e criar. E eu não pude... Eu perdi as minhas plantas que davam frutas: tangerina, laranja... desse lado aqui limão, abacateiro, cupuaçu, cacau, tudo que tinha desse lado aqui, por que esse quintal aqui ele vai até lá fora. Então tudo que tinha desse lado morreu tudo, não ficou nada." (*Entrevistado 5*)

"(Toda) essa parte daqui de cima toda era sítio. É tanto que todas as minhas fruteiras, todas eram vivas,... os donos de esteira amarravam aquelas correntes nas plantas, muita tangerina... E no dia que vieram arrancar, aquele (*falha no áudio*) de fruta, carregadas, sem dó e sem piedade amarravam e arrancavam pela raiz. O pessoal daqui que moravam pra cá assim que se... um revolver pra dá um tiro na cabeça desse infeliz... mas dá vontade, dá vontade. A mangueira que tem aqui, não conseguiram arrancar, mas tentaram muito arrancar, mas não conseguiram arrancar. Os pés de piquiá aqui, que eles amarram parece que eles puxavam, o trator puxava e parece que Deus puxava do outro lado. Porque não eram grosso, era fino assim, e eles não conseguiram arrancar com o tratador de esteira com a corrente, amarrado na corrente. Tá aí, esses que tem aí foi os que os tratores não conseguiram arrancar." (*Entrevistado 5*)

E nesse processo, muitos resistem, mas com medo das tantas ameaças:

"Continua resistindo e vivendo com muito conflito, ameaça de morte, com morte que houve e hoje ainda com aquele desespero de um dia acabar sendo despejado se o governo não fizer esse repasse pagando a desapropriação..."
(Entrevistado 2)

A wide, flat, brownish field under a cloudy sky, with a line of trees in the distance. The field appears to be a large, open area, possibly a dry lake bed or a cleared agricultural field. The sky is filled with large, white, fluffy clouds. In the distance, there is a line of green trees and a small structure, possibly a house or a shed.

4. Impactos no modelo de agricultura tradicional

Santarém se localiza no Oeste do Pará, na foz do Rio Tapajós que se encontra com o Rio Amazonas, um ponto estratégico geograficamente, pois além do encontro destes dois rios, também é a cidade mais importante do ponto de vista econômico localizada entre duas grandes metrópoles da Amazônia: Belém e Manaus. Por este motivo, a região é visada, por representar um ponto estratégico de escoamento de *commodities*.

Do ponto de vista das populações tradicionais, a região é habitada desde tempos imemoriais, o que permitiu a existência de grandes povoadamentos e o desenvolvimento de técnicas de produção muito sofisticadas e que dependem do bioma em bom estado de conservação para garantir o sustento e a vida de uma grande quantidade de povos originários e migrantes que se adaptaram a esta forma de viver e produzir.

Para (Santana, et al., 2015, p. 188), a economia rural da Amazônia é caracterizada da seguinte forma:

A economia rural da Amazônia se desenvolve em dois grandes sistemas de uso da terra: um sistema antropizado e outro sistema com floresta ou não antropizado... Esses sistemas abrigam pelo menos quatro subsistemas de uso da terra e de manejo dos recursos naturais, cada um deles fornecendo matéria-prima para diversas cadeias, cujos produtos se destinam ao autoconsumo e aos mercados locais, nacional e internacional.

O sistema antropizado contempla dois subsistemas...: um orientado para o mercado restrito e outro para o mercado amplo. O subsistema que participa de mercado restrito tem como eixo principal a pequena produção... No segundo subsistema, tem-se a produção que alimenta as principais cadeias de commodities, envolvendo as lavouras de altos insumos como grãos (soja, milho e arroz), dendê, frutas, plantios de eucalipto, pecuária de corte extensiva e extração de

madeira. Na cadeia de grãos, a soja é o produto principal e destina-se ao mercado internacional... O sistema com floresta ou sistema não antropizado contempla as cadeias de produtos florestais madeireiros e não madeireiros. Muitos desses produtos ainda não têm valor de mercado, o que dificulta a valoração e a determinação do retorno aos investimentos...

O Projeto Odisseia, realizado em parceria entre universidades de renome e sindicatos de trabalhadores e trabalhadoras da agricultura familiar da região, trouxe importantes dados sobre o perfil da agricultura familiar da região, como a quantidade de família no Planalto Santareno apresentada no quadro a seguir (Folhes, et al., 2020):

Com a chegada da soja, vieram as lojas de insumos agrícolas e o assédio para que os agricultores tradicionais passassem a usar tais produtos e implantassem uma nova forma de produzir alimentos.

“Muito porque, o que aconteceu? Vieram muitas lojas de insumos agrícolas e o que eles diziam quando iam comprar uma enxada que nem eu trabalho com enxada até hoje com foice, com terçado aí eles já dizem “Não por que tu ainda vais continuar lidando com a enxada depois de tu ter aqui o veneno que mata o mato?” Eu sempre digo para as pessoas que eu vejo que estão colocando veneno, eu vou dizer o que eu entendo do malefício de um veneno se ele mata o mato ele mata também todos os benefícios do solo que podem produzir um produto saudável pra gente.”
(Entrevistado 2)



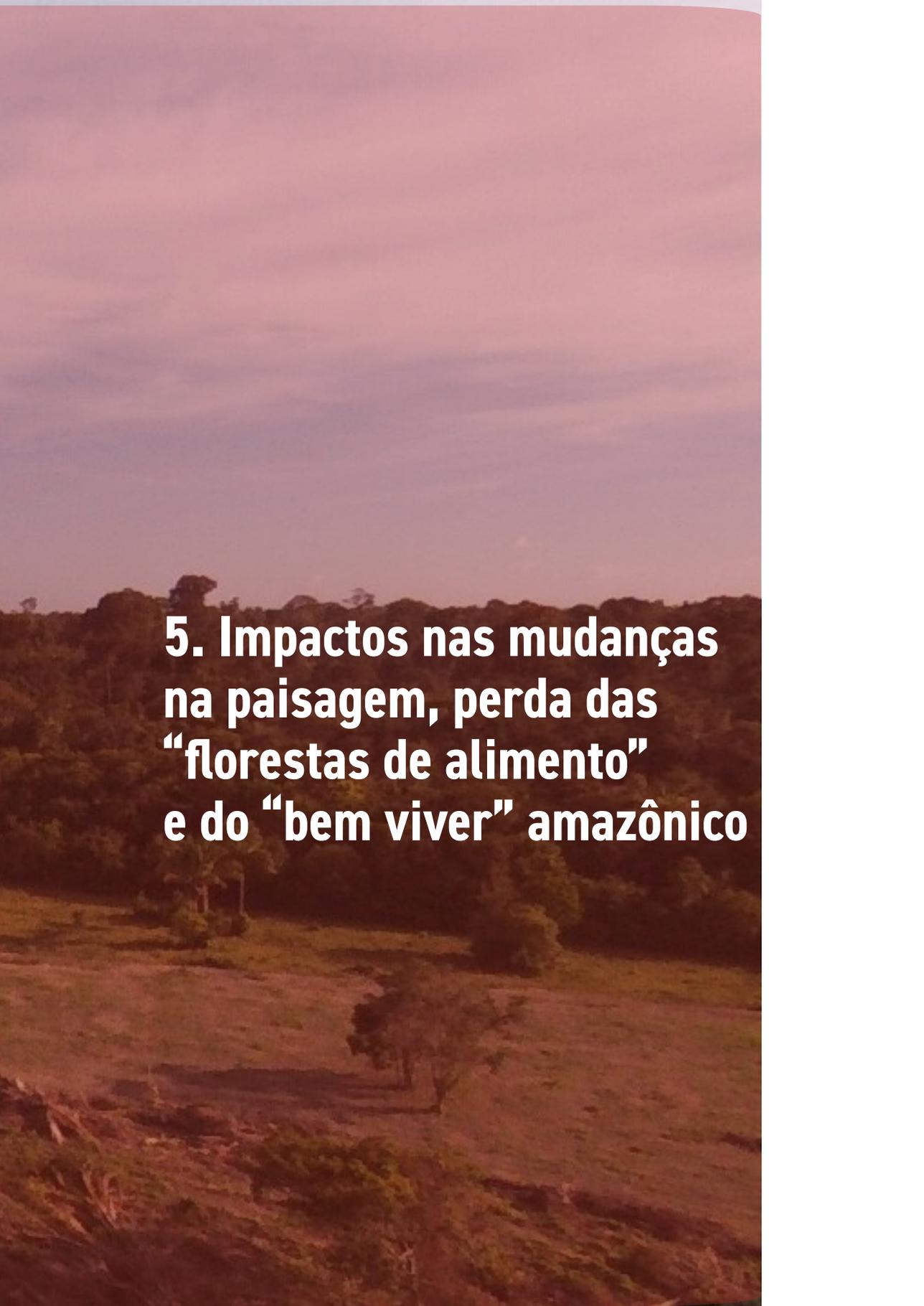
Quantas são as famílias de agricultores no Planalto Santareno?

A partir dos dados do IBGE e dos sindicatos, estimamos em cerca de 6 mil as famílias de agricultores familiares no planalto de Santarém, Mojuí dos Campos e Belterra.

	SANTARÉM	MOJUÍ DOS CAMPOS	BELTERRA	TOTAL
Estabelecimentos de agricultores familiares por município (IBGE, Censo 2017)	6.264	1.389	390	8.043
Agricultores e agricultoras cadastrados nos STTR em cada município (2019)	22.000	2.000	4.900	28.900
Agricultores e agricultoras cadastrados nos STTR no recorte do Planalto (2019)	5.000	2.000	3.600	10.600
Famílias entrevistadas pela pesquisa Odisseia	185	197	162	544

Primeira Romaria da Terra e das Águas, em defesa da Agricultura Familiar Agroecológica, de Belterra a Santarém, julho de 2019. Carlos Bandeira





**5. Impactos nas mudanças
na paisagem, perda das
“florestas de alimento”
e do “bem viver” amazônico**

Começamos este tópico trazendo uma fala das entrevistas que fala que resume muito bem o que os outros relatos deixaram muito claro com relação a prepotência do agronegócio e sua fome em modificar a vida das famílias que ali viviam. Mesmo o grande símbolo da Amazônia, a soberana rainha das árvores amazônicas, a castanheira, sucumbiu tristemente neste processo:

“As comunidades que foram retiradas, hoje, a gente vê várias comunidades onde existiam, primeiro ainda tinha uma, três, quatro castanheiras, hoje não tem mais nada. Então eu vejo que com a expansão da soja assim foi uma derrota muito grande; além do desmatamento, a questão do veneno... muitas escolas fecharam, as criações de pessoas humildes morreram, e eles tiveram que vender se viram acuados; os igarapés que hoje a gente não vê mais...” *(Entrevistado 3)*

A relação das populações que vivem da agricultura tradicional e do agroextrativismo e o que os motiva a defender seu território. Para isso, traremos algumas falas que explicitam a relação recíproca, relação de comunhão entre a terra e a natureza com os povos ribeirinhos e agroextrativistas da região. Não por acaso, pois a vida das populações e da natureza está entrelaçada, serão várias falas neste sentido, explicitando essa relação intrínseca entre o homem e o ambiente:

“Desde criança, eu brinco com as pessoas que eu sou filha da floresta, das águas, da terra principalmente eu não consigo me ver sem tocar na terra porque a terra é muito importante na nossa vida... A floresta e tudo vem da terra tudo que nos consumimos, tudo vem da terra. Então eu olho a terra como minha mãe.

... A gente não está lutado só pela terra, mas pela nossa Amazônia, pela biodiversidade por tudo aquilo que a gente necessita principalmente pelo

ar que nós respiramos, para ter esse oxigênio que nós precisamos... Preservar a floresta é preservar a nossa cultura, valores e os nossos princípios. Tudo é um conjunto. Eu não vi nas pessoas que cultivam a soja que eles têm esses princípios e valores, porque parece que só o poder econômico vale a pena...

E existe uma diferença mesmo: nós, como população tradicional, a terra e a floresta, ela tem um outro valor sentimental. Para gente é como se fosse a vida da gente também e a gente sente uma necessidade de estar ali e de preservar também de zelar por aquilo. E essa população que veio, a gente não está condenando, mas eles têm outro tipo de cultura, de costume." (*Entrevistado 2*).

A posse da terra e a forma de transmissão da propriedade da terra acontecia conforme a necessidades dos posseiros. A financeirização da terra também surge como uma mudança vinda com o modelo de produção capitalista na região:

"Antes nós tínhamos a nossa divisão da terra, nós falávamos que tínhamos metros de terra que era uma comunidade com muita gente e as famílias bem grandes e os terrenos eram pequenos digo para tanta gente, mas a nossa divisão, a extrema que a gente diz, o nosso marco da terra com o vizinho era de uma planta, uma mangueira, uma laranjeira, um abacateiro, essas plantas que a gente tem, não era assim um marco, um marco de concreto, às vezes alguém colocava uma madeirinha... mas eram as próprias árvores... não tinha interferência do estado na demarcação, então a gente achava que tudo era nosso, quando a soja chegou nos vimos que eles podiam tomar a terra, porque até 2002 quando eu presidi o sindicato, eu fui descobrir como era isso, como

é que se dava esse processo da tomada, da expulsão do agricultor e que no município de Santarém, contando todas as regiões que tinham, nós tínhamos noventa por cento dos agricultores familiares como posseiros da terra; então nos sermos presa fácil para os fazendeiros do agronegócio; a gente viveu um conflito muito grande por conta disso, pra mim foi muito difícil porque eu venho de uma cultura onde nós somos irmãos, nós da comunidade como compadre, comadre que emprestam uma pouco de alguma coisa como um café, um açúcar qualquer coisa que o outro não tenha e não havia um quintal dividido. Nossos quintais, nós dizemos que não temos grandes terras, nós temos nossos quintais produtivos onde todo mundo tem, tem manga rosa tem sapotilha, tem laranja, tem limão, tudo... então, a gente se alimenta e a gente também vende o excedente e plantamos também a mandioca que é uma das culturas que todas as comunidades produzem." (*Entrevistado 2*).

A preocupação com a forma de desenvolvimento excludente também fica evidente nos relatos. A visão de que este desenvolvimento não atende aos interesses dos agricultores familiares:

"A gente sabe que tudo isso é colocado com um grande nome na frente, que se chama desenvolvimento. Mas que a maioria das vezes não fica bem claro para o pequeno, pra que está desinformado, que pra chegar a esse desenvolvimento, é, muitas coisas são mudadas, muitas pessoas perdem a cultura; muitas pessoas perdem o seu cotidiano de vida. Porque vão ter que sair da terra de qualquer jeito. Esse desenvolvimento a gente sabe que não vem beneficiar os pequenos; quando eu falo dos pequenos, eu falo dos pequenos agricultores, daqueles mesmos de

fato; seja o agricultor da agricultura familiar, do extrativismo... De forma geral, eles serão os mais prejudicados, justamente por isso. Porque eles estão acostumados viver de uma forma ali, e o grande desenvolvimento ele vem com outro olhar. A Amazônia, a gente percebe que ela sempre foi pensada como modelo de retirada de recursos pra crescimento do país, explorar a Amazônia pra tudo servir em crescimento do país. Mas por outro lado se deixou de se pensar que se não for preservada, a Amazônia pode se acabar. Então, o desenvolvimento está sendo pensado só em explorar, explorar e explorar... Mas, o pequeno que é o que ainda preserva pra que o desenvolvimento, dito pelo governo, se concretize esse pequeno ele vai ter que sair de lá." (*Entrevistado 4*)

As florestas, muitas de uso coletivo, ou seja, várias famílias e/ou comunidades coletavam, eram fonte de riquezas e recursos para a vida. Os relatos sobre essa relação com a floresta para obtenção de frutos, instrumentos e medicamentos, e como isto foi se perdendo com esta mudança no uso da terra, são uma evidência da importância que as florestas têm para as populações rurais da região:

"...A única floresta que tinha era seringal grande, ainda tinham muitos pés de castanha e hoje não tem mais. Essas seringueiras que tinham lá, quem conhece na Boa Fé sabe lá era um seringal onde nós morávamos, e eles foram pegando, derubando e arrancando com grandes máquinas. Arrancaram todas as seringueiras." (*Entrevistado 1*)

"Eu tenho uma grande lembrança, eu queria que minha terra retornasse do jeito que eu a encontrei, mata, vento normal; você respirava um ar

livre, você tinha sombra, você plantava e colhia sem praga. E hoje a grande saudade eu tenho porque estou lá e não tenho como comprar uma terra mais longe então eu tenho que está lá porque lá que é o meu, mas eu não me sinto mais feliz por conta disso, do agrotóxico, por conta que quanto mais passa o dia mais as coisas vão se fechando no entono da gente, a gente não tem mais como dizer assim, bom, hoje eu tenho uma terra livre e saudável com árvores naturais, árvore de cem, duzentos anos atrás, não existe isso, e pra te falar a verdade dentro dos terrenos lá se tiver alguma plante tem sombra, se não tiver é só cascata mesmo. Então eu sinto muita falta daquele tempo que eu cheguei lá porque hoje nós não temos sombra, a sombra é só a nuvem que passa e cobre o sol pelo menos, pelo menos nos lá na Boa Fé, e a maioria daqueles moradores lá, noventa por cento, não existe mais isso, então eu sinto muita falta inclusive eu estou até procurando uma outra região pra ver se eu me seguro, encontro uma felicidade de ar livre de um ar saudável de um vento.

“Eu posso até dizer assim, que não exista esse vento, um vento puro, porque dessa região daqui, de onde o vento vai eu acho que até o final dele vai levando agrotóxico, mas não é tanto como a gente está lá convivendo no dia a dia, como é que é o uso do agrotóxico.” *(Entrevistado 1)*

“Para mim foi muito impactante saber que chegou a soja no município e a gente não sabia como lidar e a gente só tinha visto o nome soja por uma lata de óleo que a gente usava o óleo de soja mas a gente não sabia o que era isso, como plantava, como destruía, então para nos foi extremamente impactante principalmente pra mim. Porque

quando eu olhei pela primeira vez eu senti que eu tinha que defender o direito e o interesse dos trabalhadores e das trabalhadoras rurais do município de Santarém que era a nossa... que o sindicato podia atuar era terrível porque gerou muito conflito e como esses grandes tinham facilidade para documentar as terras e nós esperávamos pela reforma agrária feita pelo governo foi muito dolorido esse processo porque todos os dias a gente recebia um conflito novo que vinham pedir pra gente que tinham entrado na terra, que já estavam mecanizando e foi muito cruel mesmo porque nós não estávamos acostumados com esse processo. Nós fomos criados trabalhando com o terçado, broca, depois era com machado para derrubar as arvores maiores... um pedaço suficiente para a gente viver e alimentar a família então, foi muito impactante e criou muitos danos na nossas vidas com a chegada da soja porque desmatou muito, expulsou muitas famílias da terra, muitas famílias vieram para a periferia da cidade depois não tinham como se sustentar porque o que eles ganharam alguns compraram uma casa mas o agricultor familiar só sabe lidar com a terra é o meu caso, eu sei lidar com a terra eu sei tirar meu sustento, agora se eu tiver que passar para outra coisa eu já não consigo, toda essa minha jornada, minha trajetória eu não aprendi a lidar com a tecnologia das redes sociais, da computação essas coisas mas lá se você me perguntar das coisas eu sei lidar, eu sei fazer artesanato eu sei plantar, colher, coletar essas nossas frutas que são diversificadas." (*Entrevistado 2*)

A cultura da soja se desenvolve com uma perspectiva de exportação. Essa forma de se pensar a agricultura não era conhecida na região. Princi-

palmente, as grandes monoculturas, não eram pensadas para os pequenos agricultores, que produziam roças de mandioca em pequenas “tarefas”, pequenas porções de terra, entremeadas muitas vezes pela produção de outras espécies comestíveis como o cará, milho, jerimum, entre tantos outros. As pessoas que vieram para o plantio da soja foram atraídas por governantes e incentivadas por grandes empresas e com o incentivo para a construção de infraestrutura para permitir a exportação destes grãos produzidos aqui.

“Então a gente aceitou e se submeteu... A gente viu quando a soja chegou logo foi criando um porto em Santarém, e esse porto, que é o porto da Cargill ele financiava os agricultores que vieram de fora de outras cidades mais da região sul do país pra vir plantar soja que não foi plantado soja pelos moradores de Santarém. Os agricultores de Santarém não lidavam com esse tipo de cultura. Então, eram pessoas difíceis de relacionamento que eram agressivos, eram ameaçadores então nós tivemos que nos submeter, eu por exemplo, a essa condição de continuar a luta que eu acredito defendendo o interesse da população o direito dos trabalhadores da minha classe, tive que me submeter.” *(Entrevistado 2)*

Apesar de todo o cenário de destruição da cultura produtiva das comunidades, muitos antigos moradores ainda expressam o desejo de permanência na terra, ou de retorno à ela, quando se deparam com dificuldades para viver nas cidades:

“Eu já saí da cidade para o interior e não desejo em nenhum momento morar na cidade... o meu desejo até o final da minha vida é (viver) numa área de agricultura mesmo, numa área rural onde a gente possa ter livre espaço de conversa, ter amigo, sentar livremente, ter aquele espaço livre que na cidade a gente não tem.” *(Entrevistado 1)*

"Algumas coisas que a gente olha com tristeza é uma tentativa de calar a nossa voz que continua mais forte hoje... esse amor que a gente tem não só pelas pessoas, mas por esse território onde a gente vive que é a terra, que é floresta, que é a água..." *(Entrevistado 2)*

"A importância da floresta para nós lá é a questão... É a nossa vida, porque é dela que a gente tira pra se alimentar... As frutas pra gente, pros animais, pros peixes, então, é uma vida; nossa vida tá ali... nós que nascemos e vivemos lá ela tem uma importância muito além da nossa vida, muito mais porque ela é tudo pra nós. Porque é dali que tem peixe, tem caça, tem fruta, e aquilo que a gente come; a gente não vai comer soja, a gente não vai comer outras coisas daí, por que não faz parte do nosso cardápio. Então o que faz, é dali onde a gente nasceu, cresceu, e que Deus deu toda aquela natureza, praia, rio, enfim é uma infinidade de biodiversidade dentro das comunidades, que a gente vê que não tem dinheiro, não tem preço que pague." *(Entrevistado 3)*

A comunidade era muito animada. Tinha a questão da juventude, participava aos domingos na igreja, campo de futebol, escola tinha na comunidade... E aí, quando essas monoculturas começaram chegar com a, já com o acabamento das comunidades. A própria comunidade onde eu moro, foi uma das que não funciona mais escola, você não ver campo de futebol na comunidade, por que a maioria das pessoas, dos jovens por não ter escola de ensino médio, ou até mesmo o fundamental, tiveram que sair pra outras comunidades, vim pra cidade... Então, essa animação da comunidade ela se acabou por conta disso. Ela se acabou por conta disso, as pessoas foram sain-

do. E por conta de as pessoas saírem, ela acabou ficando uma comunidade ali muito vaga; ou seja, quando eu digo muito vaga, a nossa comunidade ela tem 47 famílias, aonde ela tinha 72. Essas 47 famílias elas estão distribuídas entre uma extensão de 12 km. Então é muito difícil as famílias se reunirem. Ela não tem uma agrovila, que nem tem as outras, que assim todo mundo mora na vila e trabalha pro interior. Então, cada qual mora no seu lote distante, e antes não. Quando tinha 72 famílias era muito mais próximo, era muito mais fácil de se reunir. Isso era uma das coisas que a gente ainda lembra muito de como era antes. E hoje, a gente já relata outro ponto. A gente não tem mais aquele diálogo que a gente tinha, que de primeiro as pessoas, por conta disso as pessoas saíam conversavam na casa dos outros e tal; e hoje, não se tem mais isso por conta da distância, as famílias que foram embora. Então, chegou a noite cada qual tá na sua casa e não existe... só se ver aos domingos na igreja. Então, não tem essa... esse tipo de união, de mobilização" (Entrevistado 4)

Para Schwade (2019, p.18), que estudou em a expansão do capitalismo nos territórios de uso tradicional na Amazônia:

"O desenvolvimento do capitalismo ocorre de maneira desigual... pois ela permite a acumulação de riqueza por certos grupos da sociedade, excluindo os demais. Isso ocorre de maneira articulada, de tal modo que as desigualdades entre classes e territórios somente podem ser entendidas dentro de um mesmo processo de concentração."

Como foi apontado exaustivamente na introdução, a floresta tam-



6. Comprometimento da segurança alimentar

bém é fonte de segurança alimentar para as famílias do campo. Apesar de se ainda carecer de trabalhos no campo da nutrição no que se refere a alimentação tradicional dos povos amazônidas, os que já existem apontam fortemente nessa direção. Alguns alimentos como a castanha-do-Brasil, são riquíssimas fontes de proteína.

“Esses produtos deles, pelo o que eu sei não fica aqui em Santarém, é tudo mandado pra fora, eles financiam totalmente pra Cargill, vem todo pra Cargill o produto deles, tudo pra Cargill, tudo pra fora. Não fica nenhum produto aqui pra Santarém não e nem aqui por perto.” *(Entrevista 6)*

“A soja trouxe muitos danos para a gente, ela criou muitos danos na nossa cultura na nossa convivência como mulher, como mãe, na nossa produção diminuiu a nossa renda, diminuiu a diversificação dos produtos agrícolas... sem contar que eles derrubaram muitos castanhais, derrubaram muita abacabeira, derrubaram muita seringueira, derrubaram muita coisa que eram as culturas e fora as doenças que vieram.” *(Entrevistado 2)*

Nessa fala seguinte, a floresta é apontada como fonte de alimentos, por isso deve ser defendida e protegida de forma a garantir que as fontes de alimento das populações do campo sejam garantidas.

“Sem a floresta nós não temos a nossa alimentação, nós não temos o nosso bem viver, nosso ar que nós respiramos a nossa floresta ajuda muito isso. A impactação da soja, de primeiro você ia aí na avenida Curuá-Una até próximo a hidrelétrica você não sentia tanto calor, hoje você vai e soja de um lado e outro, de um lado e outro, você sente aquela quentura, aquele ar

quente. Já chegando nas comunidades que não estão sendo muito impactadas a gente ver um ar diferente, um ar mais gelado, mais frio, mais refrescante. Por isso é importante as pessoas, fora a saúde, preserva muito mais a saúde.”
(Entrevistado 6)

“Bom, a questão da alimentação ficou, vamos dizer assim, reduzida porque antigamente as produções cada um produzia seu alimento, era o feijão, era o arroz, era o milho, o jerimum, tudo era produzido para o próprio consumo e também para vender pra fora, mas como chegou o agrotóxico e as pragas era muito forte, e as vezes, as vezes não, sempre afetava deixaram de plantar, deixaram de plantar o café. Na minha comunidade mesmo era café, o arroz, o milho, o feijão, era basicamente a base da nossa alimentação, então a gente parou de produzir e agora, hoje tem que comprar por que não tem como produzir devido a invasão das pragas e dos insetos também, lá tinha muitas castanheiras, hoje em dia são poucas castanheiras que ainda existem na minha comunidade é um número bem reduzido, coisas que a gente tirava. E para caçar as vezes, temos que ir para outra comunidade por que lá mesmo não tem, assim, mas aquela mata onde as pessoas caçavam o tatu, essas coisas, paca, hoje em dia já é bem reduzido o número desses animais que tinha antigamente, bem dizer, dentro de casa e hoje em dia já está bem longe da gente em outras comunidades.” *(Entrevistado 7)*

Uma questão relacionada da essa questão dos alimentos que vem da floresta é que eles muitas vezes provêm de árvores milenares, uma composição de floresta que levou centenas de anos, senão milhares de anos, para ser construída em sua totalidade, também estando relacionada



aos povoadamentos humanos. O desflorestamento que em poucas décadas reduziu a imensa diversidade da Amazônia, fruto da fome de destruição do capitalismo, portanto, suprime toda uma cultura milenar dos povos originários de aprendizado, experimentação e domesticação da rica flora regional.

Entrega de produção de alimentos da agricultura familiar, de Ângelo Chaves.



A wide-angle photograph of a large agricultural field filled with young, green, leafy plants, likely soybeans, stretching to a flat horizon. The sky is a uniform, soft pinkish-orange color, suggesting a sunrise or sunset. The overall scene is serene and emphasizes the scale of the farming operation.

7. Impactos na produção da agricultura familiar

Para os moradores das comunidades rurais do planalto ouvidos para este relatório, os impactos sofridos e os efeitos nocivos dos agrotóxicos dificultam a manutenção da produção pelos agricultores familiares. Veremos agora alguns depoimentos neste sentido:

"A gente teve que se reinventar. Antes, eu ainda lembro que quando tu chegavas na área de um agricultor, lá mesma roça, estava junto o milho, estava junto a mandioca, o feijão, até o arroz; tudo junto numa mesma área. E hoje, como muito dessas culturas já não dá mais, o arroz, toda praga foi para dentro do terreno do cara e ele não conseguiu mais produzir; o feijão também. Hoje, praticamente a cultura virou milho e mandioca. Outros investiram em pimenta-do-reino, outros na questão do urucum, e macaxeira. Mas não se ver mais aquele roçado, que a gente via antes completo, tudo dentro da mesma área... tem pessoas que que não plantam; resolvem compra o arroz, resolve comprar o feijão, e só planta mandioca; por que sabe que é prejuízo plantar outro tipo de produção que não dá."
(Entrevistado 4)

Como visto neste trecho da fala, um dos efeitos foi a redução diversidade de alimentos produzidos nas propriedades e uma dependência da compra para a necessidade familiar que eram anteriormente produzidos.

No próximo trecho, vemos a suspeita de que a redução na produção de frutos e outras espécies plantadas pode ter alguma relação com um efeito ambiental causado pelos agrotóxicos. Não apontado nesta fala, mas é de conhecimento amplo, já discutido anteriormente nesse relatório, o efeito de alguns tipos de agrotóxicos reduzindo a presença de polinizadores, cujo impacto pode ser sentido na redução da produção de frutos e reprodução das plantas cultivadas e das florestas.

"...Eu colhia mamão numa área com quinhentos

a seiscentos pés de mamão. Só que depois que começaram a colocar o agrotóxico não deu mais mamão, ele nem cresceu mais. A terra está lá, terra fértil, só que terminaram a agricultura familiar, aquilo que é da sociedade mais carente geralmente não dá mais as frutas, coqueiro não dá mais fruta suficiente, cupuaçu não dá mais fruta, a graviola se ela começar a sentir agrotóxico ela não morre ela fica ali, mas ela nunca mais bota nem flor e são sucessivamente a banana, onde eu plantava tudo isso não existe mais isso, existe a terra lá com agricultura subsidiada pelo agronegócio que é a soja o milho. Este ano vai entrar também, segundo as histórias que eu não conversei direto, mas está badalado muito o girassol também na região. Então o impacto é muito grande e continua causando, porque aqueles que não usam agrotóxico, mas o vento tá sentindo direto, de qualquer forma a agricultura está sendo penalizada a macaxeira e a mandioca não amadurece mais hoje eu não sei se é por causa disso mas eu tenho vários pés de caju eu olho e já tão mal, não sei se é por causa desse veneno também, eu não tenho bem certeza mais agora eu já tenho mais ou menos uma noção que é por conta disso..." (*Entrevistado 1*)

Na seguinte fala apresentada, fica evidente uma outra questão que recorrentemente aparece nas reclamações de comunitários: o aumento de pragas que afeta a produção dos agricultores familiares, relacionando esse aumento ao aumento dos campos de soja na região:

"Essa questão da soja ela trouxe também muita praga... elas foram além do local onde está sendo produzida a soja, elas foram muito além, porque nós somos ribeirinhos, atravessamos o rio Amazonas, o Tapajós e todo lugar nos vimos a mudança do clima e nos vimos essas pragas

novas que tomaram conta das nossas fruteiras, a gente tem muita dificuldade para combater, então a gente sabe que foi essa mudança brusca.”
(*Entrevistado 2*)

Os impactos na produção das propriedades vizinhas de grandes plantações, já foi registrado em outras regiões do Brasil, como aponta, por exemplo, um estudo realizado pela Secretaria da Agricultura, Pecuária e Irrigação (SEAPI), no Rio Grande do Sul, indica que o agrotóxico 2,4D, um herbicida usado em lavouras de soja para controlar plantas daninhas, afeta a produção das parreiras, que ficam com folhas retorcidas, têm crescimento descontrolado e apresentam problemas para amadurecer. A contaminação acontece pela ação do vento, que espalha o veneno por mais de 1500 ha, causando prejuízos econômicos nas áreas afetadas (Globo Rural, 2018, fonte eletrônica).

Neste estudo, os resultados indicaram a presença de 2,4-D em 100% de um total de 76 amostras, que foram coletadas em 52 propriedades rurais de 23 município. Além das plantações de uva, a deriva pode ter atingido culturas de tomate, ameixa, couve, oliveira, noz-pecã, maçã, caqui, em pastagens e cinamomo (SEAPDR, 2019, fonte eletrônica). Por conta destes impactos, no dia 3 de dezembro de 2019 foi pedida a suspensão do uso do 2,4D no estado do Rio Grande do Sul, a partir de 31 de dezembro de 2019.

Na fala a seguir, além dos efeitos nas plantações, há registros ainda das mortes de animais:

“Eu tenho medo, inclusive, agora recente, não estou afirmando que foi disso, mas eu tenho um compadre ali é Perema que criava gado aqui na estrema de um agronegócio parece que o gado comeu alguma folha de milho, não sei, não estou afirmando ao certo, só que na hora de mudar o gado morreu dezoito cabeças, ele se queixa que foi lá da palha do milho. Então é um grande perigo, não é só gado, para a sociedade civil, paro o ser humano. Quando você ver que bicho que

como o milho, macaco come o milho morre, quati come o milho e morre, então eu não como." (*Entrevistado 1*)

"Teve um caso, que só num dia de manhã, foi aqui na região de Belterra, o rapaz disse que morreu 40 galinhas depois da borrifação com coisa" (*Entrevistado 3*).

Esse efeito nocivo aos animais já foi registrado em outros locais, como no caso exemplificado por Carneiro, Rigotto & Pignati (2012, p. 17) "As comunidades atingidas pelas frequentes pulverizações aéreas denunciaram a morte de animais".

Seguimos com outros relatos sobre os impactos na produção e no trabalho dos agricultores:

"A produção familiar diminuiu, com a queda dessa produção familiar, hoje, na minha comunidade é difícil chamar alguém para trabalhar uma diária. O próprio dono da terra lá, o pouquinho que está plantando, ele dá conta. E de 94 para trás, ou seja, até 2000 era muito comum pessoas que só viviam de diárias, contratados... A questão do milho: não se produz mais como se produzia. Então, pela produção cair, houve tanto uma redução na geração de renda do capital que gira dentro da comunidade, quanto também dentro do município, da agricultura familiar aqui. E a gente sabe que a da monocultura ela vai toda para fora, ninguém sabe pra onde vai. Então, houve, uma queda muito grande. E relatos que a gente houve: Ah, na minha época a gente levava tantos sacos de farinha, a gente levava tantos sacos de milho; e hoje, ninguém se vê mais isso." (*Entrevistado 4*)

"Passamos uns quatro anos trabalhando na feira. No tempo, não foi só eu que fui atingida aqui, foi

muita gente... Porque além do mais, nós éramos só mulheres que trabalhavam na feira. Com as duas daqui, do sindicato, que eles saíram pra plantar em outro lugar. Por exemplo, tem ali, a que foi plantar na Boa Fé, arrendaram um terreno pra plantar na Boa Fé." (*Entrevistado 5*)

"A gente plantava de um tudo, de tudo um pouco... Tudo que a gente quisesse tinha ali. A relação entre as pessoas era de harmonia e compartilhamento, aquele vizinho quando não tinha uma plantação dividia com o outro vizinho, era assim direto. Depois da chegada dos sojeiros foi diminuindo cada vez mais, foram vendendo suas terras, foram se animando com dinheiro e foram vendendo as terras, permutando, e hoje a gente não tem mais esse compartilhamento em si, por causa que não tem, como eu dizia pro pessoal, só um que planta, nenhum outro planta. E acaba ficando devagar nossa produção, tem diminuído muito, o pessoal geralmente que viviam da farinha, hoje vive fazendo farinha mais para os outros, não faz mais da sua própria plantação, faz da plantação dos outros porque não tem mais terra pra fazer seu plantio... no período da pulverização, aqueles que tem seus plantios nos arredores não aguentam, porque quando eles aplicam todas as pragas que têm lá vão para aquele terreno próximo. Aí acaba roça, acaba plantio de fruta, tudo vai se acabando. Fora os secantes que eles aplicam na soja, o que eles aplicam de secante na soja acaba caindo no terreno vizinho e acaba matando aquelas plantas que não suportam. A pessoa vai ficando triste também porque não consegue mais produzir nada e acaba desconsolando e vendendo suas terras." (*Entrevistado 6*)

Nesse último relato, evidencia-se a perda em plantações que não utilizam agrotóxicos (secantes da soja), mas que por deriva tais produtos chegam nas plantações, causam a morte de plantas cultivadas pelos agricultores familiares. A dessecação envolve a aplicação de um produto químico para secar uma cultura de forma artificial, promovendo a rápida e completa secagem de todas as partes verdes de uma planta (Roman *et all.*, 2001, fonte eletrônica). Os “secantes da soja”, ou seja, agrotóxicos herbicidas utilizados para causar a dessecação da planta, são aplicados pelos sojicultores no período de e de pré-colheita, causando uma maior uniformidade no plantio e controlando também as “plantas daninhas” e antecipam a colheita.

Entre os herbicidas utilizados para essa finalidade, estão: Paraquat, Diquat, glufosinato de amônio Saflufenacil e glifosate (Kamphorst & Paulus, 2019, p. 57). A venda e utilização do Paraquat foi banido no Brasil a partir de setembro de 2020, sendo proibido sua comercialização e utilização em território nacional, pelos graves problemas de saúde decorrentes de seu uso. Anteriormente a esta data, tal produto vinha sendo amplamente utilizado. Sobre os princípios ativos paraquat e diquat e a efetividade nas plantas alvos, Sant’Anna Jr. (2006, p. 25) explica:

O diquat é especialmente recomendado na dessecação da cultura de soja e das plantas daninhas de folhas largas. O paraquat possui a mesma ação do anterior, sendo, porém, mais eficaz para controlar plantas daninhas de folhas estreitas (gramíneas). A técnica baseia-se na aplicação de um desses produtos ou mistura de ambos, conforme as espécies de plantas presentes.

O paraquat e o diquat são dessecantes clássicos, pouco ou quase nada translocáveis – chamados de contato em razão da rapidez do processo (morte das plantas após 24 h da aplicação). Atuam no processo de captação de energia solar na fase

Entrega de cestas de alimentos em comunidades ribeirinhas na Resex Tapajós-Arapiuns no período da pandemia, de Ângelo Chaves.



A photograph of a riverbank with dense green forest and a wooden boat in the foreground. The scene is captured in a warm, reddish-brown color palette. The river flows from the background towards the foreground, reflecting the sky and the surrounding trees. In the lower-left foreground, the bow of a weathered wooden boat is visible, partially submerged in the water. The background is dominated by a thick wall of lush, green trees and foliage, extending up a slight rise. The overall atmosphere is quiet and somewhat somber due to the monochromatic color scheme.

8. Extinção de comunidades

O enfraquecimento da agricultura familiar na região do planalto, como já destacado em tópico anterior, é uma grande preocupação apontada pelos entrevistados. Neste sentido, é apontado por lideranças sindicais que a extinção de comunidades é um processo que se inicia a partir da chegada dos sojeiros. Algumas falas nas entrevistas deixam evidente essa situação:

“Na região da Curuá-Uma, (comunidade) Boa Sorte... a escola hoje se encontra, com as poucas famílias que ainda têm, se encontra no meio da soja; o poço lá são quase 200 metros de profundidade, já foi feito exame da água, o glifosato já tá nessa água também com toda essa fundura. Na nossa região tem umas três ou quatro comunidades que acabou, comunidade com sessenta, setenta famílias... O Curupira pelo menos, Novo Império tem alguns moradores lá mas não são muito mais os originais, Igarapé-Açú não existe mais tá até a armação do colégio lá na estrada que eles tiraram todo o telhado e muitas comunidades por aí vai se acabando porque eles vão comprando tudo.” (*Entrevistado 1*)

“Não existe terreno maior ali que seja dos próprios moradores todos aqueles terrenos que ali tem agronegócio que é uma extensão muito grande ali tudo já é dos gaúchos que moram lá, os que moram lá tem terreninho pequeno de um hectare, dois hectares os terrenos maiores já foram tudo vendido, a ideia deles mesmo, quem quiser vender até um metro de terra eles vão comprando a ideia é acabar com as comunidades. A ideia do pessoal do agronegócio não é manter a comunidade em si ali, não e manter a paz ali por exemplo as coisas bacanas, a paz tudo bem eles podem até ajudar somos amigos mas a ideia deles é comprar pedacinhos de terra que tiver por ali. (*Entrevistado 1*).

Só que na região da Curuá-Una, próximo da minha comunidade a gente consegue relatar ali três, quatro comunidades que... comunidades que tinha até 30 famílias, e hoje tu passas tem 5 famílias. Comunidade que tinha 30, hoje tu passas, tu não acredita que era uma comunidade, por que não existe mais nada, tá o campo de soja... varreram tudo. Então, estrutura de escola, de barracão comunitário que existia isso tudo foi derrubado; então não existe mais nada. Então, é..., as vezes a gente passa com alguém, olha aqui já foi uma comunidade de 30 famílias, a gente passa em frente de carro e a pessoa não acredita que ali era uma comunidade, e não existir mais nenhuma estrutura. Então, foi um dos grandes impactos foi principalmente isso, sem falar nessas enganações, e depois a própria grilagem de terra também, que vieram acontecendo. Salvo engano em 2004, quando houve aquela apreensão aqui no Tipizal de computadores que tava sendo usados por esse grupo, onde estava fazendo a própria grilagem de terra, mapeando isso via satélite, e vendendo essas terras pra fora, então isso foi um dos grandes impactos que gerou quando a soja chegou. (*Entrevistado 4*)

E também a outra coisa é a questão da, essa da Boa Sorte; e tem a outra comunidade que é o Ramal da Moça, que também era duas comunidades grande, e hoje lá tem 3 famílias lá, que ainda resiste por que também não venderam os seus lotes, por que eram na áreas de relevo, e a gente sabe que essas áreas não são propícias pra soja. Então, por conta disso ainda consegue ali, somente é... desenvolver a produção, mas morar não consegue mais morar, mora em outra comunidade e vai trabalhar nessa. Então, é Boa Sorte, Ramal da Moça, Igarapé Vermelho

também que era outra comunidade também que não tem mais ninguém, por conta da chegada da soja, e aqui... Guaranazinho também, que era uma comunidade que passava do Henrique Mendes, que agente entrava, que tinha pessoas, e hoje só tem soja também. Foram essas que a gente consegue citar, isso quando eu digo que se acabaram definitivamente, praticamente tudo. Boa Sorte hoje não existe mais a associação. Por exemplo, existe lá o colegozinho lá com poucos alunos funcionando. Então todas as pessoas que levavam essa luta em frente as comunidades elas tiveram que ir mais pra frente, que isso a gente sabe que o projeto do governo é empurrar cada vez mais pra frente, que inclusive estão lá no chapadão. Em dois mil e treze eu acompanhei uma equipe aqui na região da Curuá-uma justamente levando pra ver essas pessoas nas comunidades que foram extintas. E a gente ainda encontrou ainda moradores dessas comunidades morando em outras comunidades, que informaram pra gente alguns endereços dessas pessoas aqui em Santarém, dessas pessoas que viviam lá, e vieram pra cá com o impacto da soja, venderam as suas terras e tiveram que vim morar na cidade. E aí nós estivemos com a equipe na residência dessas pessoas pra também fazer esses mesmos questionamentos: como era a sua vida antes da soja lá e como ela está sendo hoje depois que você vendeu lá sua terra e veio pra cá?? Então, tem casos muito complicados, pessoas que tiveram que vim pra cá, venderam os seus lotes lá pelo um preço, pessoas que venderam lá 100 hectares por seis mil reais, e não conseguiram comprar um lote aqui em Santarém, alugaram a casa enquanto compravam um terreno e o dinheiro foi acabando em aluguel e até vive de

aluguel, não conseguiram comprar mais nada. Pessoas que adoeceram e compraram uma casa, mas a, a... o cotidiano mudou; todo dia da sala pra cozinha, que era aquela atividade que tinham lá de trabalhar mesmo, todo dia sala pra da cozinha, da cozinha pra sala. Também adoeceram, se queixam que hoje só vive só aposentadoria que só dá pra comprar o remédio, pessoas que não tem uma idade tão elevada; que nem a gente ver hoje pessoas lá na comunidade de 80, 85 anos, 70 anos que ainda andam de um lado pra outro sadio. E essas pessoas perderam totalmente, assim, esse costume que viva lá. Pessoas que relataram pra gente que estão com filhos na cadeia, por que os filhos não tiveram outra opção, não por que vieram de lá com a opção de fazer o que não prestava, mas pessoas que, filhos que entraram..., tomaram outro rumo por necessidade. Que a gente imagina pessoas que tem uma formação já não consegue um emprego, imagina aqueles lá que não tem, né?! Como é que eles vão viver aqui. E pessoas que hoje vive vendendo churrasquinho na beira da esquina a noite pra sobreviver também, por que não teve uma renda e aquilo que ele comercializou lá na terra dele não dá. Teve exemplos de pessoas, que ainda conseguiram vender a terra, vim pra cá e ainda deu tempo de se arrepender, voltar e conseguir comprar um lote lá novamente. Então, são alguns relatos desses impactos aí. Entre 2003, que foi o mais forte, e agora até 2015 mais ou menos, quando ainda estava muito forte a questão da venda de terra na Curuá-Una. *(Entrevistado 4)*





9. Impactos na elevação da temperatura, na mudança do clima

Os dados do IPCC (2013) indicam um aumento da concentração de dióxido de carbono (CO₂) na atmosfera em 40% desde a era pré-industrial, devido às emissões derivadas dos combustíveis fósseis e às emissões derivadas de mudanças no uso do solo. Tal aumento (de CO₂ na atmosfera) tem como consequência o aquecimento da atmosfera e a superfície do planeta terra (Cavero, 2016, p. 16).

O Fórum Paraense de Mudanças Climáticas apontou que o Pará era responsável por uma parte considerável das emissões de Gases do Efeito Estufa (GEE) do Brasil, com estimativa de que as emissões destes gases no estado respondessem somaram 14% das emissões brasileiras em 2013, o que equivale a 8 bilhões de toneladas de dióxido de carbono (tCO₂) dos 57 bilhões de tCO₂ emitidos pelo Brasil para o mesmo período (Sousa *et al.*, 2015, p. 15). Esse grande volume de emissão se deve majoritariamente pela supressão de grandes áreas de florestas, principalmente para formação de pastagens e campos de plantio de soja.

Aqui no planalto, o desflorestamento se reverteu em alterações no microclima, conforme relatam os agricultores familiares do planalto santareno. Apesar de até agora a relação dessas alterações com os grandes campos de soja que dominam a paisagem ainda não terem sido alvo de uma investigação científica aprofundada, os agricultores apontam que este talvez seja o fator determinante na elevação da temperatura e igualmente a alteração no regime de chuvas na microrregião, causando desconforto para a população e problemas com os plantios dos agricultores familiares, talvez por efeito de surgimento de “bolhas de calor”.

Nas entrevistas, esse tema também apareceu, conforme pode ser visto nos trechos à seguir:

“Acredito que pra nós também a questão do calor, o aquecimento que a gente vê que a cada dia a gente sente o aumento da temperatura; de primeiro a gente trabalhava das 06 até meio dia, hoje até no máximo 09 horas, 10 horas não tem mais quem aguenta, e os igarapés secando, lago... Então a gente fica muito preocupado com

essa questão; emprego zero, por que é um povo muito pequeno que trabalhava, e é o maquinário que domina." *(Entrevistado 3)*

"Eu cresci junto com a soja, tenho 22 anos de idade e eu fui crescendo junto com a chegada da soja na minha região e conforme fui crescendo o avanço foi crescendo também. Na minha comunidade já tem bastante tempo, eu acho que foi em 2005 por aí, 2004 pra 2005 chegou na minha comunidade especificamente e aí a gente já começou a ver as grandes mudanças, principalmente no clima. A nossa comunidade não era tão quente, chegava assim, era uma coisa bem tranquila, hoje em dia já é muito quente muito abafado, a gente quase... pra ficar em casa mesmo é uma raridade tem que ficar com o ventilador ligado direto por conta do calor. Vemos a diminuição dos animais, antes a gente via muito, tipo macaco essas coisas, hoje já diminuiu mais, porque foi desaparecendo com o longo dos anos, a gente pôde notar." *(Entrevistado 7)*

Primeira Romaria da Terra e das Águas, em defesa da Agricultura Familiar Agroecológica, de Belterra a Santarém, julho de 2019. Carlos Bandeira.





10. Impacto sobre o meio ambiente e desmatamento

Kaimowitz e Angelsen (1998 *apud* Riveiro *et all.* 2009, p. 42), em sua análise de 150 modelos do desmatamento de florestas tropicais, definem desmatamento como a “remoção completa e no longo prazo da cobertura de árvores”.

É bastante difundido o conhecimento sobre o papel das florestas na manutenção dos ecossistemas e ciclos biogeoquímicos e climáticos, pois elas desempenham uma função essencial no ciclo da água, na conservação dos solos, na fixação de carbono, entre outros serviços ecossistêmicos.

Em relatórios da FAO, ficam evidentes as preocupações com a questão da relação entre as florestas, o uso da terra, a agricultura e o acesso a alimentos e outros produtos, principalmente nos impactos diretos que podem resultar em ameaças ao direito de populações tradicionais que dependem de produtos florestais para manutenção de sua cultura e modo de vida, apontando a necessidade de se criar marcos legais para proteção destes direitos. Neste sentido, trazemos esta citação:

“É necessária uma maior coordenação entre as políticas sobre as florestas, a agricultura, a alimentação, o uso da terra e ao desenvolvimento rural. Igualmente importante é necessário dispor de marcos jurídicos claro que regrem a modificação mudanças no uso da terra, em particular, sistemas de posse de terra seguros que reconheçam os direitos constitucionais tradicionais a fazer o uso da terra e dos produtos florestais...”
(FAO, 2016)

Existe uma clara relação entre o avanço do agronegócio e o desflorestamento da Amazônia. O controle das ações que prejudicam o meio ambiente é insuficiente para evitar que vastas áreas ano a ano sejam substituídas por criação de gado e plantios de monoculturas. Principalmente após a última eleição presidencial, várias entidades nacionais e internacionais denunciam o desmantelamento das políticas de proteção ao meio ambiente no Brasil.

Porém, pouco ainda se discute sobre o papel do uso de substâncias

agroquímicas, que viabilizam a existência dos grandes campos de monocultura na região, têm no comprometimento da biota da Amazônia. Não existe praticamente nenhum controle efetivo no uso indiscriminado de tais substâncias. Inexiste igualmente, o monitoramento das consequências desse uso nos ecossistemas amazônicos, sabidamente um ambiente por lado rico em diversidade, e por outro extremamente vulnerável. Existe indícios do uso, inclusive, de substâncias contrabandeadas, algumas inclusive que não tem seu uso autorizado no Brasil.

Muitos relatos dos moradores do planalto dão conta de percepções em alterações no meio ambiente, não somente pelo agrotóxico em si, mas por todo o contexto que se cria no desenvolvimento dessa forma de produzir. Vejamos agora alguns trechos de falas das entrevistas:

“E quando nós produzimos o nosso produto que é agroecológico ele é desvalorizado que a população não entende a diferença entre o convencional que leva o veneno que prejudica a saúde... porque toda área que é produzido e que sofre essa influência da soja já vem com muita contaminação eu digo, com muita poluição não só da terra, dos rios, dos igarapés a gente viveu muito isso, os pássaros que morriam...” (*Entrevistado 2*)

“... enquanto existe floresta a terra seca, mas não tanto como ela diretamente nua. Hoje eu vejo nossa região onde eu moro ela seca tanto que ela abre aquelas *valinhas* da largura de um dedo todo rachado...” (*Entrevistado 1*)

“Lá hoje na nossa região, não tem abelha alguns passarinhos. O que tem é pouco aqueles que tentam comer soja, milho morrem. Esses anos passados aparecerem muitos macacos mortos e a gente só tem aquele pensamento de que seja de alguma coisa que eles comem ali, do milho verde que aqueles bichinhos vêm comer e ai termina

morrendo.” (*Entrevistado 1*)

“É por isso que eu digo que pra cidade eu não vou, porque lá o clima é diferente. O ar é muito poluído; aí eu já vim para cá por causa do ar, mais puro, sem poluição. Ainda quando eu cheguei ainda não era tão poluído; por que só era aqui, e daqui o vento levava para lá. Tinha o sítio aqui, tinha muita árvore aí. E aí, isso daí já ia amenizando, o clima era mais gostoso, não era tão quente; agora não, agora no verão aqui ninguém aguenta, tudo é quente, o vento é quente, é muito quente, é horrível. Ah, tivesse... se nós tivéssemos pelo menos aquela floresta ali, aquela beirinha ali, que é só uma beirinha fosse mais perto era muito melhor. Nós estamos até limpando ai ó... e a gente botar planta... Falei com o vizinho aqui e aí a gente (vai) botar planta, pra crescer as plantas: cajueiro, manga, abacate, jambo, que é pra crescer pra gente. É mais resistente pra poder ver se melhora o ar pra nós..., que Deus me perdoe, mas parece o inferno de tão quente que é. Tem que sair... Cobre tudo de poeira, a poeira do mato, a poeira da soja. Quando eles estão trabalhando ali, tem que sair, por que cobre tudo isso aqui, uma poeira que ninguém aguenta! Tem que sair! Ou sai, ou então fica inalando... vai lá pra outra rua. As vezes eles passam três dias, por que é muito pra cá, né?! É quase que dia e noite.” (*Entrevistado 5*)

Na fala a seguir, vimos a preocupação com o futuro para as comunidades, com essa proposta de desenvolvimento, que ameaça os territórios de vida dos antigos moradores:

“Então, aí o porto aqui, e o que a gente fica mais preocupado, hoje, é também que tem mais portos, né??!! Pra ser concretizado, então a gente já fica preocupado com a questão do rio... da sujeira

que joga, com a questão de mais portos, a questão de soja a gente também cada dia muito mais preocupado de perca das praias, fica preocupado em saber o que vai acontecer... Só destruição, e desmatamento do nosso patrimônio, tirando as riquezas, a beleza que tem, e vendendo tudo pra fora. Aqui não fica nada praticamente, só destruição da terra." *(Entrevistado 3)*

A seguir, mais uma vez enfatizada a preocupação com os mananciais e as nascentes de água, este recurso tão vital para a existência da vida, como já apareceu em falas já apresentadas anteriormente nos tópicos 2 e 4:

"Onde a cabeceira do nosso igarapé existe, a nossa nascente e lá o dono da terra já gradeou tudo, já colocou soja e isso vem impactando cada vez mais a nascente. Nosso igarapé ultimamente, não está como era antes, a água próxima a nascente já não é boa, propícia pra banho, pra pesca, essas coisas, já tem sumido muitos tipos de peixe por causa desse grande impacto." *(Entrevistado 6)*

"Ele está fazendo novas terras já e nosso igarapé fica em declive, em áreas muito baixas, e a soja está em áreas altas e quando chove causa erosão e vai lixiviando toda aquela terra poluída pro nosso igarapé." *(Entrevistado 6)*





11. Impacto sobre os polinizadores

A morte de polinizadores é uma preocupação tanto ambiental, como do ponto de vista humano, pois afeta diretamente a produção de alimentos, como já foi bem explicado anteriormente.

Um levantamento da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) calculou 770 milhões de abelhas mortas no Brasil ao longo de quatro anos. Elas estavam contaminadas por neonicotinóides e pelo fipronil, que apareceu em 92% das amostras de insetos. Como nem todos os apicultores registram as perdas, a estimativa é que o número real de insetos mortos passe de 1,5 bilhão.

Segundo dados da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO), 75% dos alimentos cultivados no mundo dependem das abelhas. O 1º Relatório Temático sobre Polinização, Polinizadores e Produção de Alimento no Brasil avaliou o nível de dependência de polinizadores (em especial das abelhas) de 91 plantas, e conclui que 59% delas têm total ou alta dependência destes insetos. A soja, por exemplo, tem incrementos de até 40% na produção na presença de polinizadores (Wenzel, 2019).

Nos últimos anos, no mundo todo, ouve um alarmante declínio na população das espécies de abelhas. A ameaça as abelhas é uma ameaça a sobrevivência de todo o ecossistema pois, atuando como polinizadores de grande número de espécies, garantem o sucesso reprodutivo de mais de 80% das espécies de plantas com flores, inclusive de uma grande parte daquelas usadas na alimentação humana e de muitas outras espécies.

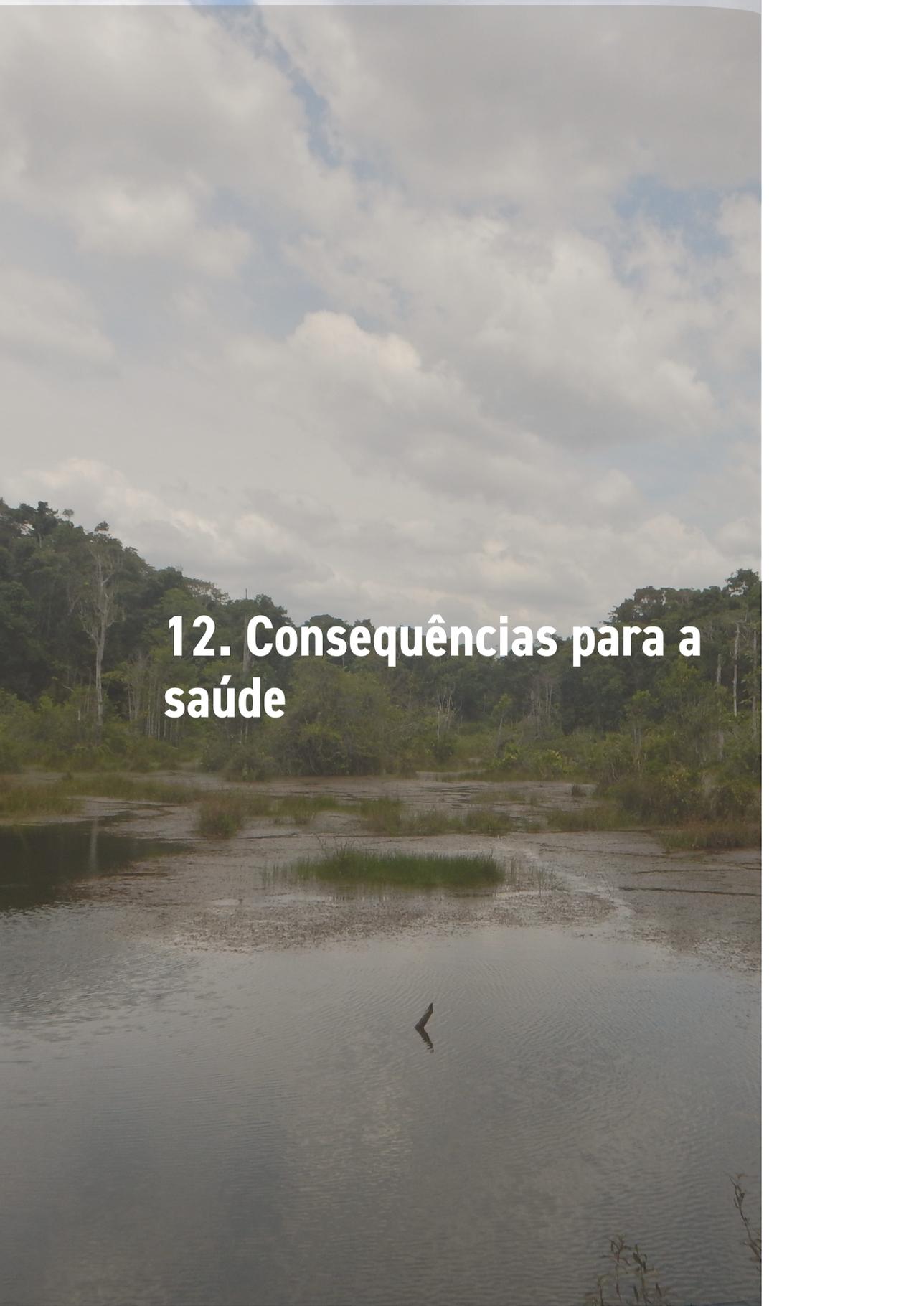
Levantamentos feitos por pesquisadores brasileiros apontam dados alarmantes sobre a relação da morte de enxames e sua relação com o uso de agrotóxicos neonicotinóides e principalmente pelo princípio ativo fipronil (5-amino-1-[2,6-dicloro-4-(trifluormetil) fenil]-4-[(trifluormetil) sulfonil]-1H-pirazol-3-carbonitrila), com destaque para a morte de 50 milhões de abelha num único mês no estado de Santa Catarina, em janeiro de 2019 (Portal Brasilagro, 2019), cujo uso foi proibido na União Européia no ano de 2013. Este agrotóxico tem o efeito nos insetos é hiperexcitação e paralisia (Zhao, 2004), causando a morte das abelhas.

Na região do planalto santareno existiam duas associações de criadores de abelhas quando se iniciou a plantação de grandes monoculturas de

soja e outros grãos, mas a maioria dos criadores de abelhas nesta região não conseguiram manter a produção, pois perderam todos ou praticamente todos as colmeias. Tivemos contato com ex-membros de uma destas associações, que apontam uma relação do declínio de suas criações aos efeitos do uso de agrotóxico. Eles que relataram inúmeras perdas de enxames, o que causa a inviabilidade da criação. Assim, uma associação forte, com membros que tinham sua renda majoritariamente proveniente da meliponicultura e apicultura, tiveram que mudar a fonte de renda da família para outros trabalhos.







12. Consequências para a saúde

A despeito da larga utilização de agrotóxicos em diferentes atividades agrícolas, existe um conjunto de evidências disponíveis na literatura científica que apontam que o uso de tais substâncias representa risco de impactos severos sobre a saúde humana, muitos desses irreversíveis ou mesmo fatais (Greempeace, 2017, p. 52).

A seguir, para maior compreensão dos riscos à saúde humana decorrentes do uso e contato com os agrotóxicos, apresentamos uma tabela disponível no site do Instituto Nacional do Câncer (<https://www.inca.gov.br/exposicao-no-trabalho-e-no-ambiente/agrotoxicos>), que expõe dados sobre ingrediente ativos encontrados nos produtos com uso autorizado no Brasil pela Agência Nacional de Vigilância em Saúde (ANVISA) alguns efeitos comprovados através de pesquisas:

Lista de ingredientes ativos de grande consumo no Brasil com autorização da Anvisa e sua relação com diferentes tipos de câncer:

NOME CAS N°	GRUPO	CLASSIFICAÇÃO TOXICOLÓGICA (ANVISA)	CLASSIFICAÇÃO DA CARCINOGENICIDADE		RELAÇÃO COM CâNCER
			IARC	USEPA	
2,4-D 94-75-7	Herbicida	Classe I Extremamente tóxico	Grupo 2B: Possivelmente carcinogênico para Humanos	-	Pele, Cavidade nasal, sinusal, nasofaringe, orofaringe, laringe
ACEFATO 30560-19-1	Inseticida	Classe III Medianamente Tóxico	ND	Possível carcinogênico para humanos	Leucemias, Linfomas não Hodgkin, pâncreas
ATRAZINA 1912-24-9	Herbicida	Classe III Medianamente tóxico	Grupo 3: Não é classificável para carcinogenicidade em humanos	-	Linfomas não Hodgkin
CLORPIRIFÓS 2921-88-2	Inseticida	Classe II Altamente Tóxico	ND	Ausência de carcinogenicidade para seres humanos.	Leucemias, Linfomas não Hodgkin, pâncreas
DIAZINONA 333-41-5	Inseticida	Classe II Altamente Tóxico	Grupo 2A: Provavelmente carcinogênico para Humanos	-	Leucemias, Linfomas não Hodgkin, câncer de pulmão
DIURON 330-54-1	Herbicida	Classe III Medianamente Tóxico	ND	Provavelmente carcinogênico para Humanos	Neoplasia (sem localização definida)

NOME CAS N°	GRUPO	CLASSIFICAÇÃO TOXICOLÓGICA (ANVISA)	CLASSIFICAÇÃO DA CARCINOGENICIDADE		RELAÇÃO COM CâNCER
			IARC	USEPA	
GLIFOSATO 1071-83-6	Herbicida	Classe IV Pouco tóxico	Grupo 2A: Provavelmente carcinogênico para Humanos	-	Linfomas não Hodgkin
MALATIONA 121-75-5	Inseticida	Classe III Medianamente Tóxico	Grupo 2A: Provavelmente carcinogênico para Humanos	Linfomas não Hodgkin, câncer de próstata.	-
MANCOZEBE 8018-01-7	Fungicida	Classe III	Grupo 3: Não é classificável para carcinogenicidade em humanos	-	Linfomas não Hodgkin
METOMIL 16752-77-5	Inseticida	Classe I Extremamente Tóxico	ND	Ausência de carcinogenicidade para seres humanos	-

Fontes: Agência Nacional de Vigilância Sanitária, 2019; International Agency for Research on Cancer, c018; United States Environmental Protection Agency, 2019.

A questão do adoecimento tem preocupado os moradores de cidades e comunidades vizinhas aos plantios de soja. Na região, há relatos de pessoas que foram afetadas pelo uso de agrotóxicos e tiveram que deixar suas casas ou adoeceram. Segundo a pesquisa realizada pelo Projeto Odyssey (Coudel, 2019), 69% dos agricultores familiares que participaram da pesquisa se sentem prejudicados pelos impactos dos agrotóxicos (perda de produção, mudanças climáticas e degradação ambiental estão entre as queixas) e 19% se queixam de doenças crônicas.

Um dos relatos ouvido pela equipe de elaboração deste relatório é de uma família que se viu impossibilitada de permanecer em sua residência pois cada vez que seus vizinhos pulverizavam em suas plantações agrotóxicos, viam uma invasão de bichos em sua casa. Outro relato é de uma senhora que lavava as roupas do marido que trabalhava com agrotóxicos e começou a apresentar fortes reações e mal-estar cada vez mais graves. Outra família que residia em uma comunidade do interior se viu isolada após todos seus vizinhos venderem suas terras pela pressão do agronegócio e teve que deixar, mesmo contra vontade, sua terra. A fonte de água para alimentação e uso nas tarefas cotidianas ficava comprometida cada vez que havia pulverização nas lavouras e a família era acometida por vômitos e diarreia.

A seguir, seguem alguns relatos:

“Minha filha casou e engravidou, e aí a gravidez dela foi um suplício durante os nove meses... Ao botar veneno, a gente fechava tudo, ou então tirava as vezes daqui, levava... e a gravidez dela foi... foi de risco por causa disso, às vezes ela ficava muito fraquinha. É tanto que... ela (a criança) nasceu com problema. Ela nasceu..., ficou com sequela. O médico acha que é devido os venenos, os agrotóxicos.... Ele comentou, eu perguntei pra ele se não era devido o agrotóxico aqui, né?! Que a gente morava aqui nessa área de plantação de soja, e tudo mais... e ela tinha dias que ela passava mal, quando botava o veneno, e ele disse que era... que era disso; ele não disse que nem que achava que devia ser. Ele disse, então, é essa a explicação dessa criança ter nascido dessa forma. Foi muita luta, ela passou dois anos sendo acompanhada pelos médicos. Hoje, graças a Deus, ela não tem nenhum problema, mas ela passou dois anos ruim. Ele disse que não adiantava tá fazendo tratamento e continuar ficando aqui... Ela tinha insuficiência respiratória, ela teve problema pra nascer. Ela nasceu, estava todo deformado o rostinho dela, o rostinho... só endireitou quando ela começou a sugar o leite...” (*Entrevistado 5*)

“Problemas respiratórios principalmente, muitos idosos acaba até sentindo alguns sintomas, dor de cabeça, febre, essas coisas assim quando eles aplicam. Já teve duas senhoras da Volta Grande que tiveram que sair, não estou lembrado do nome, mas elas tiveram que vir pra UPA por causa disso.” (*Entrevistado 6*)

“A gente vai nas comunidades, na minha comunidade mesmo a gente tem vários problemas, mas a gente não pode dizer, a gente não pode provar, mas a gente suspeita. Eu mesma tive uma alergia forte, passei muitos dias com uma alergia que não tinha jeito, tomei remédio, tudo, mas passei mais de um mês com essa alergia, mas fiquei melhor. Quando eu melhorei outra pessoa da minha comunidade com a irmã dela também sentiram essa alergia forte e demorou um tempo pra sair, a gente, eu suspeito que sim, porque moramos perto, está em contato direto, mas assim não tem como provar, que a gente não tem nenhuma pesquisa clínica pra falar disso, mas a gente suspeita sim. As pessoas hoje em dia já sentem muita dor de cabeça, muita falta de ar que antigamente não tinha essas coisas na nossa comunidade, a gente percebe algumas mudanças na saúde das pessoas que já não são como era antigamente, então a gente suspeita, mas não pode afirmar, porque a gente também não tem provas.” *(Entrevistado 7)*

“Olha em relação ao nosso igarapé que tinha vários banhos bom, isso o relato das pessoas adoecerem ou ter alguma reação alérgica isso não porque abandonaram, ninguém banha mais. A gente só tem lembranças dos banhos lá, porque ninguém banha mais nesse igarapé nos quatro locais que tinha de banho, ninguém banha mais. Mas assim a questão da contaminação isso tem acontecido das pessoas estarem contaminadas, nós tivemos um óbito lá, de uma pessoa que se contaminou e acabou vindo a óbito, um produtor lá, da agricultura familiar por sinal. E a gente não tem a profundo relatos, porque a gente sabe que tem pessoas contaminadas, mas pra gente frisar precisava ter uma prova e as pessoas têm medo de dizer realmente que estão acometidos,

não diz nem os sintomas porque dizendo os sintomas a gente já tem uma noção do aquela pessoa tá doente. A gente sabe que as pessoas estão adoecendo por causa do veneno, muita gente, mas a gente não tem como comprovar isso, até a própria pessoa se negam a dizer realmente o que estão sentindo." (*Entrevistado 8*)

Além das questões da saúde, muitas vezes a pressão vai além, e os defensores dos agricultores familiares precisam sair pelas ameaças que são feitas a eles e suas famílias. Essas ameaças reduzem a qualidade de vida destas pessoas, podendo levar ao adoecimento psíquico. Todos aqueles que querem continuar produzindo de forma tradicional são constrangidos e se veem impossibilitados de permanecer em seus territórios, ou tem que conviver diariamente com as ameaças. O clima é de medo e até de não poder falar com outros fora da comunidade. E isto tem levada a uma diminuição da produção agroecológica em toda a região do planalto e o comprometimento da qualidade de vida dos agricultores.

O registro de intoxicações é obrigatório no Brasil. No caso específico dos agrotóxicos, a maioria dos agentes de saúde, porém, não sabe ou não faz o diagnóstico e a notificação, fazendo com que o número oficial não corresponda a realidade dos casos. Na região do planalto santareno, a subnotificação é uma realidade cruel. Isto faz com que muitas pessoas que apresentam sintomas, até graves, pela exposição à agrotóxicos não consigam o tratamento correto. Entre os moradores de comunidades rurais há vários relatos em que possíveis intoxicações foram tratadas como se fossem casos de virose comum. Mesmo casos mais graves não recebem a atenção devida dos serviços de saúde, que não estão preparados para o atendimento destes casos segundo o relato de profissionais da área da saúde com atuação na região.

13. Exposição do trabalhador rural aos agrotóxicos



Em entrevista realizada com um trabalhador de uma grande plantação de soja, o mesmo afirmou não ter recebido qualquer tipo de orientação sobre os perigos do uso de agrotóxicos. Ele relata que durante a aplicação dos produtos, os funcionários continuam suas tarefas específicas no campo, ficando expostos a nuvem que é liberada pelos pulverizadores, sem o uso de qualquer equipamento de proteção individual (EPI's). Apenas os funcionários responsáveis pela aplicação do veneno (chamados por ele de veneneiros), utilizam EPI's. Neste relato, ele afirma que durante a aplicação, com muita frequência, os trabalhadores ficam expostos diretamente a "nuvem" de agrotóxicos que são despejados pelas máquinas. Em uma das situações as quais foi exposto, ele relata ter perdido parcialmente a visão e ter ficado alguns dias com problemas oftalmológicos.

"Já conheci, conheço que impacta na pele, na saúde, no sistema respiratório, inclusive tem uma outra região aí pra dentro que todo mundo conhece que é a região da Boa Esperança, eles não dizem isso concreto, mas tem muito caso de saúde que surgiu a partir do uso de agrotóxico e de lá pra cá nossa comunidade também, quem disser que hoje vivendo com agrotóxico não sentir impacto nenhum é dor de cabeça, é irritação nos olhos, é garganta, é gripe direto, febre e isso não tinha antes, como é que agora a gente vai dizer... Hoje ninguém quer se comprometer mas o que eu estou falando é o que eu vejo e o que eu penso. Já foi feito na nossa região, lá nas nossas comunidades e outras comunidades que deu noventa e cinco por cento de agrotóxico no sangue essas pessoas mais cedo ou mais tarde elas vão sentir na pele como estão sentindo agora já tem pessoas na minha comunidade que já tem dor de cabeça, já começa irritar a garganta já escorra sangue... 'E aí tu está com gripe?' 'Não, mas é que dói minha cabeça eu tusso, tusso.' 'E cadê a tua mascara, cadê a tua mascara completa do olho, cadê a tua

bota...?’”. (*Entrevistado 1*)”

“Fora que a gente tem casos já constatado de muitos homens ainda com a idade de quarenta anos já impotente sexualmente e isso aí também abala muito a estrutura de uma família quer queira ou não mas é a realidade do ser humano...” (*Entrevistado 2*)

“A outra questão muito fora da lei, que qualquer criança de 10 anos vai em qualquer casa veterinária e pede lá um glifosato, e o cara vende sem nenhuma orientação. Se tu perguntares se desse é... qual desse é?? O cara pega o mais forte, e esse aqui que é do bom. Porque ele quer vender. E o cara também quer saber se ele que usar da maneira que ele quer lá. Se ele quer matar o mato, o capim, ele quer o melhor. Mas a questão da preocupação com a saúde isso tá ficando de lado, então isso, muito de lado. Tem pessoas que sofrem de tanto mexer com essa questão de veneno: sofre dor de cabeça, mancha no corpo, e tudo mais; mas não sabe que é do veneno, não sabe. Por que que é que eu digo que é do veneno? Porque nós estivemos acompanhando uma pesquisa agora, feito ano passado, aonde a gente tirou na região da Curuá-una aqui, inclusive saiu agora esses tempos o resultado da pesquisa. Mais de..., era 130 coletas de sangue. Eu acompanhei em duas, em três comunidades, que uma foi a minha Planalto Fé em Deus, a outra foi Henrique Mendes e Volta Grande, que são as comunidades mais afetadas pela soja, que estão mesmo cercada. E dessas comunidades, de três comunidades a gente colheu lá 12, fizemos 12 coletas de sangue. Das 12, 70% deu; ou seja, das 36 coletas de sangue

70% deu a presença do glifosato no sangue. E 70% dessas pessoas também já tinham aderido o veneno lá pra tá passando lá no terreiro, tá passando dentro da mandioca, porque já pegaram também esse exemplo, manuseavam de qualquer maneira, que a gente perguntava se usava IPI's, não usavam. Então, não há por que dizer que não houve transformação social também." (*Entrevistado 4*)

"É, que a gente, de forma geral sente como ponto mais crítico foi o grande índice de câncer, que aumentou na região da Curuá-una. Na Comunidade de Boa Esperança vários casos de câncer, tivemos o ano passado muitos casos de câncer, já perdemos muitas lideranças por conta do câncer. E, a saúde não exerce o seu papel mesmo sabendo de assumir, e dizer que por causa do agrotóxico. Então, culpam o linhão da hidrelétrica que está desde 76, salvo engano, da abertura da região da PA 370 por cima das comunidades. Então, por que desde 76 só começou a morrer gente agora?? Então, é um dos pontos mais críticos, por que assim: a gente ver que há um por parte do governo, se tampa sol com a peneira. Tem a notícia, se ver a questão da realidade, mas não se assume por que sabe, que se assumir tem parte muito mais, que a gente diz..., muito mais importante por parte do governo pra ser tapada, né?! Então, é muito crítico essa parte aí (*Entrevistado 4*)

"O seu Neto que já é falecido; fizemos um abaixo assinado e levamos lá pra... pro Ministério Público pra, pra proibir, pra ver se podia ir contendo, porque na época o seu Neto ele era, ele sofria muito, sofria muito. Tinha tempo que

tinha que tirar ele daqui botar pra Santarém; ou então tirar daqui e mandar pra Manaus, por que ele passava muito mal quando começava e aí..." *(Entrevistado 5)*

"Pra eles aqui não existi ninguém. Aí, eles estão borrifando aí, eles não estão nem aí sem criança na rua, se tem gente na rua; não estão nem aí pra nada não. Pra eles o ser humano não existe... Tem muita gente aqui que tem problema de respiratório também." *(Entrevistado 5)*

"Tem uma alergia, né?! Dá nas crianças e até nas pessoas adultas, que a gente não sabe de onde, sabe que é da poluição. Porque do veneno loja longe das nossas comunidades, mas a chuva vem lava, e as vezes joga pro rio, onde a gente vive. Eu creio que com isso também afeta. Então, fizeram um levantamento e disseram que tinha muita gente infectado de câncer no hospital, e a maioria foi aonde era a grande plantação de soja. A questão respiratória também, muita gente sofreu com essa doença, muita gente já morreu, muitos ainda estão contando o que acontece, mas parece que ninguém vê!... E ultimamente as crianças também estão sofrendo muito com leucemia, até na minha comunidade tem uma criança que tá no tratamento, fazendo tratamento, quase ela morre; graças a Deus ela está reagindo, tá com dois anos e meio de tratamento aqui no Regional". *(Entrevistado 3)*

"É assim, por esse tempo, final do verão eles estão aplicando calcário. Eles aplicam geralmente de noite, mas tem noite que venta muito e as vezes a noite a pessoa acaba inalando aquilo, muitos idosos, muitas crianças acabam sentindo. Na

região ultimamente tem muito nascimento de crianças, acaba ocasionando muito..., muita gente vem pra UPA, de vez em quando trazendo seus filhos pra UPA, muitos idosos passando mal com cheiro... Isso, problemas respiratórios principalmente, muitos idosos acaba até sentindo alguns sintomas, dor de cabeça, febre, essas coisas assim quando eles aplicam... Já teve duas senhoras da Volta Grande que tiveram que sair... mas elas tiveram que vim pra UPA por causa disso e da Boa Esperança também tem algumas pessoas que estão com sintomas". (*Entrevistado 6*)

"Geralmente eles não usam o kit EPI, é maquinário mas geralmente é só com chapéu na cabeça, se tiver algum óculos eu ainda não vi, agora os agricultores familiares que tem... até mesmo que pagam o nosso sindicato eles estão usando simplesmente da cintura para cima a máquina na costa, usando o mesmo veneno para matar o mato sem proteção... inclusive eles agora tão usando meta é por isso que tenho muito medo, o próprio agricultor que tá do meu lado que é familiar ele esta usando o veneno vizinho meu. (*Entrevistado 1*)

"A partir de 2002 para cá quando começou a desenrolar o agronegócio o pessoal pequeno também seguiram a mesma linha hoje não existe mais inchada para capinar nada até o terreiro. Olha o grande perigo, eles matam o mato em redor dos poços com veneno que é proibido até trinta metros em redor." (*Entrevistado 1*)

A photograph of a paved road with a yellow double line, bordered by green vegetation and a cloudy sky. The sky is filled with dark, heavy clouds, suggesting an overcast or stormy day. The road curves slightly to the right. In the background, there is a line of trees and a utility pole.

14. Migração para as periferias dos centros urbanos e marginalização

Como último ponto de discussão, seguem algumas percepções e informações sobre a migração do campo para a cidade a partir da visão dos entrevistados.

“É muito triste o depoimento das famílias que, por exemplo, se venderam por 5.000,00 reais, hoje estão aqui nos bairros mais longe da cidade sem casa, sem emprego, sem ter condições de colocar os filhos pra estudar, é uma situação muito... E a cidade hoje, o que se diz pelas estatísticas que aumentou a questão da marginalização, dos crimes; sem estudo, sem trabalho, sem comida, sem uma casa pra morar, as pessoas o que vão fazer.” *(Entrevistado 3)*

“A gente sabe que a soja se instalou na região da Curuá-Una nesses meados aí de noventa pra cá; mais precisamente de dois mil, mais forte dos anos dois mil pra cá, e além da grande venda de terras na região da Curuá-Una, pra que a soja alcançasse esse objetivo teve uma outra coisa que, quando a expansão da soja chegou na região da Curuá-Una, a gente considera que ela também foi um marco, que embora muitas pessoas não levem isso em consideração. Mas foi um marco que contribuiu muito pra que a soja avançasse no nosso município. Por exemplo, houve uma época, o chamado FNO. E aí nessa época muitas pessoas se endividaram com os bancos, naquela época o que os trabalhadores deram em garantia pros bancos foi a terra, né?! E muitos eles não pagaram, não conseguiram quitar os bancos, então, muita terra ficou confiscada na mão dos bancos. E isso foi um prato cheio pros sojeiros quando

chegou aqui em Santarém; isso é comum em todas as comunidades a gente perceber que tem essas áreas, e a gente se pergunta de quem é essa área? Ah, é do fulano, mas é do banco e tal... o banco confiscou e tudo mais. E essas foram uma das primeiras áreas que elas foram ganhas pelos sojeiros, e como aos arredores dessas áreas aí, também habitavam muitos trabalhadores que se sentiram prejudicados pela soja, eles também foram obrigados a vender pra esses sojeiros, pro agronegócio na verdade. E aí uma vez que o cara vende também o vizinho tem que vender, ele tem que vender porque ele vive numa cultura, numa agricultura familiar pequena, totalmente diferente da grande monocultura, e ele se sente prejudicado, e isso foi um efeito dominó aí na região da Curuá-Una; sem se falar também nas grandes promessas, né?! O cara... Olha, você que não tem isso, não tem aquilo... na cidade você vai ter, e isso também influenciou muito. E sem falar que a moratória da soja se instalou por mais de 10 anos na região da Curuá-Una, foi quando o governo veio legalizar de fato a plantação de soja no Pará e, foi quando a região da Curuá-Una ela foi muito afetada por isso." (*Entrevistado 4*)

"Pra cidade eu não vou porque os meus netos já estão começando a ficar grandinhos. A marginalização é muito grande, o custo de vida é muito maior do que aqui. Aqui ainda tenho minhas fruteiras, aqui eu posso criar minhas galinhas, aqui eu tenho... não posso trabalhar; eu tenho problema de coluna horrível, que eu não posso trabalhar em canto nenhum, em nada. E pra mim ir pra cidade, só se for pra morrer de fome, ou então ficar dependendo de filho pro resto da

vida. Por que nem a minha aposentadoria eu não conseguir. Eu prefiro ficar aqui, porque eu aqui, eu tenho as minhas plantações, tenho minhas frutas, minhas fruteiras, que acabando uma tem outra, acabando uma tem outra. Apesar desse veneno, apesar dessa plantação de soja... Essa semana eu fui casa da minha colega lá, minha cunhada lá no Novo Progresso: se eu vendesse lá, eu compraria um terreno pra cá; por aqui ainda tenho como plantar. Olha, aqui eles vão... já faz, tá com uns três anos que estão falando de lotear, loteando ali...oferecendo pra vender os lotes de terra, né?! Então, aí há 3 anos atrás eles já iam botar pra vender, todo mundo de novo... Eles vão parar de plantar, e aí vão vender os lotes de terra... Por mais que essa terra aí... quem vai comprar essa terra aí, não vai ser trabalhador rural. Pra eles está bom demais, por eles não vão ter, eles não têm essa coisa que nem nós, que nos acostumamos a plantar e criar; pra eles... meter um cimento aí e fazer um quintal no piso, pronto e acabou, não tem moradia melhor." *(Entrevistado 5)*

"Da nossa comunidade em si mesmo existe oito moradores só que ainda não venderam suas terras, o restante todos já venderam e agora o gaúcho está derrubando, está impactando muito a nossa comunidade por causa disso... Muitos deles foram pra outras comunidades, pra invasão, como tem a invasão do Chapadão muitos deles conseguiram terreno pra lá. Na comunidade ficaram só aqueles que tem parentes mesmo fizeram uma casinha próximo do pai, próximo da mãe e ficaram ali, mas não tem terreno mais pra trabalhar, então eles estão entrando nessas invasões, grandes invasões." *(Entrevistado 6)*

Bibliografia

- Arivelto Kamphorst^{1*}; Cristiane Paulus Herbicidas para dessecação pré-colheita em soja como alternativa em substituição ao Paraquat Revista Cultivando o Saber. Edição Especial, 2019. p. 54 a 62.
- Assis, Renato Linhares de. 2005. Agricultura Orgânica e Agroecologia: Questões Conceituais e Processo de Conversão. Seropédica: Embrapa Agrobiologia. Documento 196. 35 p.
- Barbosa, Deise Barbosa; Crupinski, Eliane Fátima; Silveira, Rosângela Nunes; Limberger, Daniela Cristina Hass. 2017. As abelhas e seu serviço ecossistêmico de polinização. Rev. Elet. Cient. UERGS, v. 3, n. 4 (Número Especial), p. 694-703. Fonte eletrônica: file:///C:/Users/Pastoral%20Social/Downloads/1068-Texto%20do%20artigo-7878-1-10-20171228.pdf
- Bernardo, Evelyn Gomes & Ramos, Heidy Rodriguez, 2016. Desenvolvimento Sustentável na Agricultura Familiar. Anais do V SINGEP – São Paulo – SP – Brasil – 20, 21 e 22/11/2016. 17 p.
- Bombardi, Larissa Mies. 2017. Atlas Geografia do Uso de Agrotóxicos no Brasil e Suas Conexões com a União Europeia. Faculdade de geografia da USP.
- Bovi, Thaís de Souza, 2013. Toxicidade de inseticidas para abelhas *Apis mellifera* L. Dissertação (Mestrado). Universidade Estadual Paulista, Faculdade da Medicina Veterinária e Zootecnia. Botucatu. 55 p.
- BPBES/REBIPP. 2019. Relatório Temático sobre Polinização, Polinizadores e Produção de Alimentos no Brasil. 93 p. Fonte eletrônica: https://www.bpb.es.net.br/wp-content/uploads/2019/03/BPBES_CompletoPolinizacao-2.pdf.
- Caldas, Carlos Amâncio; Pinho, Matheus Portela; Zaluski, Rodrigo. 2018. Impacto das principais classes de agrotóxicos utilizadas mundialmente sobre a apicultura. Anais da XI Mostra Científica, FAMEZ / UFMS. Campo Grande. 8 p.

- Caporal, Francisco Roberto; Costabeber, José Antônio 2004. Agroecologia: alguns conceitos e princípios. MDA/SAF/DATER-IICA. Brasília. 24 p.
- Carneiro, F. F., Rigotto, R. M., & Pignati, W. (17 de 2012). Frutas, cereais e carne do Sul: agrotóxicos e conflitos ambientais no agronegócio no Brasil. Fonte: e-cadernos CES - Desigualdades ambientais: conflitos, discursos, movimentos: <https://journals.openedition.org/eces/1092>
- Cavero, P. A. (2016). Impacto das mudanças climáticas na produtividade da cultura da soja (*Glycine max* (L.) Merr) na Amazônia – estudo de caso no município de Santarém - PA. Tese (Doutorado), 103 f. (O. L. Candido., Trad.) Manaus, AM: INPA. Área de concentração: Clima e Ambiente.
- Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE) 2017. Importância dos polinizadores na produção de alimentos e na segurança alimentar global. Brasília, DF. 124 p.
- Costa, S. M. (v. 19, n. 1 de jan./jun de 2015). Sojicultura e mercado de terras na Amazônia. Revista Políticas Públicas, p. 173-185.
- Coudel, E.; Passos, Carlos; Schwamborn. Txa. 2019. Consolidando a agricultura familiar no Planalto de Santarém, Mojuí dos Campos e Belterra - Quando o campo planta, a cidade janta. INCT Odisseia (Nº 16-2014). Disponível em versão digital: <http://inct-odisseia.i3gs.org/interface-com-a-sociedade/cartilhas/#1608230853011-4dab23f0-a58b>.
- Deutsche Welle. (s.d.). O papel de gado e soja no ciclo de desmatamento. Acesso em 10 de outubro de 2020, disponível em Especial Amazônia: <https://www.dw.com/pt-br/o-papel-de-gado-e-soja-no-ciclo-de-desmatamento/a-52151786>
- FAO. (2016). El Estado de los bosques del mundo 2016. Los bosques y la agricultura: desafíos y oportunidades en relación con el uso de la tierra. ROMA.
- Folhes, R., Coudel, E., Silva, H., Nasuti, S., Feijão, L., & Borges, A. 2002. Consolidando a agricultura familiar no Planalto de Santarém, Mojuí dos Cam-

pos e Belterra - Quando o campo planta, a cidade janta. INCT Odisseia (Nº 16-2014). Disponível em versão digital: <http://inct-odisseia.i3gs.org/interface-com-a-sociedade/cartilhas/#1608230853011-4dab23f0-a58b>.

Folhes, R., Coudel, E., Silva, H., Nasuti, S., Feijão, L., & Borges, A. 2019. Consolidando a agricultura familiar no Planalto de Santarém, Mojuí dos Campos e Belterra – O avanço do agrotóxico. INCT Odisseia (Nº 16-2014).

Francisco, Papa. "Carta Encíclica Laudato Si". São Paulo: Editora Paulinas, 2015.

Gayoso da Costa, S. M. (v. 19, n. 1 de jan./jun de 2015). Sojicultura e mercado de terras na Amazônia. Revista Políticas Públicas, p. 173-185.

Globo Rural. (09 de 12 de 2018). Fonte: G1: <https://g1.globo.com/economia/agronegocios/globo-rural/noticia/2018/12/09/herbicida-usado-em-lavouras-de-soja-afeta-a-producao-de-parreiras-no-rs.ghtml>

Greenpeace, 2017. Agricultura tóxica: um olhar sobre o modelo agrícola brasileiro. 82 p.

IPCC, 2019. RELATÓRIO ESPECIAL - Mudança Climática e Terra. Fonte eletrônica: <https://www.ipcc.ch/reports/>

Machado, L. d. (Jan./Abril. de 2009). Desflorestamento na Amazônia brasileira: ação coletiva, governança e governabilidade em área de fronteira. Dossiê: sustentabilidade, regulação e desenvolvimento. Sociedade e Estado, 24, p. 124.

Nocelli, R. C. F.; Roat, T. C.; Zacarin, E. C. M. da; Malaspina, O. Riscos de pesticidas sobre as abelhas. In: SEMANA DOS POLINIZADORES, 3., 2012, Petrolina. Palestras e resumos... Petrolina: Embrapa Semiárido, 2012. (Embrapa Semiárido. Documentos, 249).

Ordóñez, Laura Victoria Lozada. 2017. Serviços ecossistêmicos e interações

com uma comunidade afrodescendente no pacífico colombiano: dos riscos à proteção da biodiversidade. Dissertação (Mestrado) – UFPB/ PRODEMA. João Pessoa. 130 p.

Petersen, Paulo Frederico; Weid, Jean Marc von der; Fernandes, Gabriel Bianconi. 2009. Agroecologia: reconciliando agricultura e natureza. Gestão ambiental na agricultura. Informe Agropecuário, Belo Horizonte, v. 30, n. 252, set./out. 2009. 1-9 pp.

Pires, Carmen Sílvia Soares; Pereira, Fábila de Mello; Lopes, Maria Teresa do Rêgo; Nocelli, Roberta Cornélio Ferreira; Malaspina, Osmar; Pettis, Jeffery Stuart; Teixeira, Érica Weinstein. 2016. Enfraquecimento e perda de colônias de abelhas no Brasil: há casos de CCD? Pesq. Agropec. Bras., Brasília, v.51, n.5, p.422-442.

Portal Brasil Agro, 2019. (Acesso em 20 de fevereiro de 2021). Fonte eletrônica: <https://www.brasilagro.com.br/conteudo/agrotoxico-matou-50-milhoes-de-abelhas-em-santa-catarina-em-um-so-mes.html>

Rebello, José Fernando dos Santos. 2019. Princípios de Agricultura Sintrópica - Segun Ernst Götsch. 53 p. Fonte eletrônica: <http://www.ecoagri.com.br/web/wp-content/uploads/Princi%CC%81pios-de-Agricultura-Sintro%CC%81pica.pdf>

Reis, A. B., Pinho, E. R., Alves, L. N., & Rodrigues, Y. S. (2019). Cidades e Bem Viver na Amazônia. Santarém, PA: UFOPA.

Ribeiro, Helena; Jaime, Patrícia Constante & Ventura, Deisy. 2017. Alimentação e sustentabilidade. Estudos avançados. 31 (89), 201. 185-198 p.

Rivero, S., Almeida, O., Ávila, S., & Oliveira, W. (Jan./Apr. de 2009). Pecuária e desmatamento: uma análise das principais causas diretas do desmatamento na Amazônia. Nova Economia, pp. 41-65.

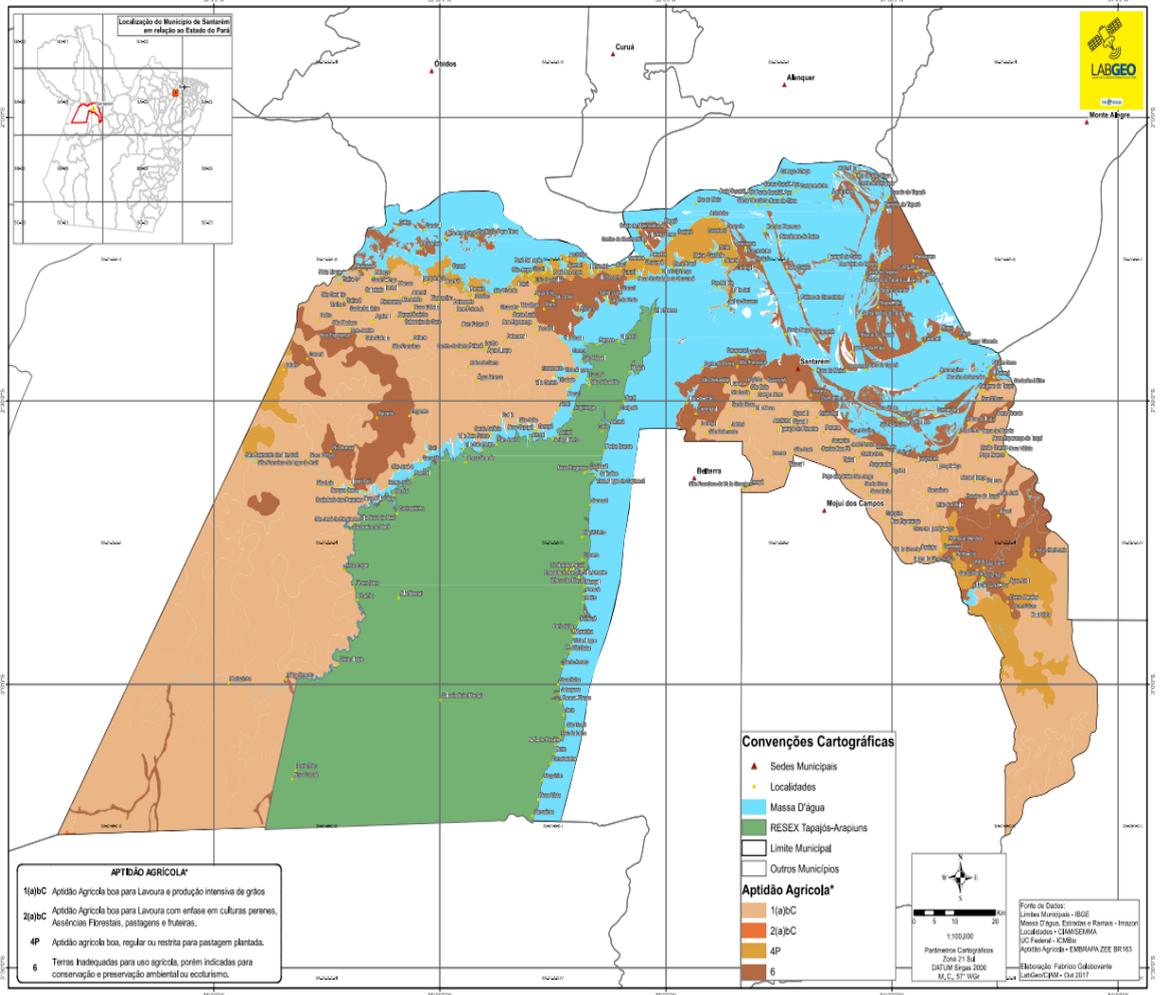
Rodrigues, Tayronne de Almeida. Leandro Neto, João. Galvão, Dennyura Oliveira Ogs. 2019. Meio ambiente, sustentabilidade e agroecologia. Ponta Grossa (PR): Atena Editora. 310 p.

- Roman, Erivelton Scherer; Rodrigues, Osmar; MacCracken, Alan. 2001. Dessecação, uma tecnologia que reduz perdas na colheita de soja. Sistemas de Produção 06 –Comunicado Técnico 60 da Embrapa Trigo, Brasília, EMBRAPA. Disponível em: http://www.cnpt.embrapa.br/biblio/p_co60.htm.
- Santana, A. C., Santana, Á. L., Gomes, C. S., Santana, Á. L., Nogueira, A. M., Oliveira, C. M., & Santos, M. S. (2015). Evidências do mercado de produtos da pequena produção na região da Transamazônica e BR-163 no Estado do Pará. Revista de Estudos Sociais Ano 2015, N.34. V.17 – 176-215pp.
- Sant'Anna Jr., Jerson de Castro. 2006. Efeito da dessecação na qualidade de sementes de cultivares de soja, na região dos cerrados. Dissertação de Mestrado - Universidade de Brasília/ Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária. Brasília, 67 p.
- Schwade, T. M. (2019). A formação da propriedade capitalista no Amazonas. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Departamento de Geografia. São Paulo.: USP.
- SEAPDR. (25 de 11 de 2019). Fonte: Secretaria da Agricultura, Pecuária e Desenvolvimento Rural: <https://www.agricultura.rs.gov.br/primeiros-laudos-de-analise-quimica-indicam-presenca-de-2-4-d-em-amostras-coletadas>
- Silva, Rodolfo Faria, 2018. Interações ecológicas em agroecossistemas: efeitos de um fragmento florestal em agroecossistema de mandioca, *Manihot esculenta* Crantz (Euphorbiaceae). Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Biologia. Campinas, SP. 84 p.
- Sousa, A. J., Brito, B., Ferrini, G. L., Beltrão, N. E., & Oliveira, W. A. (2015). FÓRUM PARAENSE DE MUDANÇAS CLIMÁTICAS. Recomendações para uma agenda de mitigação e adaptação às mudanças climáticas no Estado do Pará, 68. Belém, PA.

- Teixeira, B. E., Cunha, I. M., & Terra, A. (2012). A expansão da fronteira agrícola da soja no município de Santarém (PA) suas transformações socioespaciais. Anais do XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária. Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, UFU/LAGEA.
- Toledo, M. (v. 26, n. 52, p 77-97 de 2011). Os processos de modernização agrícola na região amazônica: transformações recentes na dinâmica produtiva do município de Santarém (Pará). Geosul.
- Wenzel, F. (26 de maio de 2019). Governo registra mais três agrotóxicos associados à mortandade de abelhas. Fonte: O Eco: <https://www.oeco.org.br/reportagens/governo-registra-mais-tres-agrotoxicos-associados-a-mortandade-de-abelhas/>
- Zhao, X. Y. (10 de March de 2004). Fipronil is a potent open channel blocker of glutamate-activated chloride channels in cockroach neurons. *Journal of Pharmacology em Experimental Therapeutics*, p. 41.

ANEXO 1

MAPA DE ESPACIALIZAÇÃO DE APTIDÃO AGRÍCOLA DO MUNICÍPIO DE SANTARÉM





ISBN 978-65-89503-49-1



9 786589 503491 >